

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

SABRINA DE OLIVEIRA DA SILVA MORALES

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM *O CONTO DA AIA*: UM ESTUDO DA OBRA A PARTIR
DA VEROSSIMILHANÇA EM RELAÇÃO À REALIDADE**

**Bagé
2022**

SABRINA DE OLIVEIRA DA SILVA MORALES

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM *O CONTO DA AIA*: UM ESTUDO DA OBRA A PARTIR
DA VEROSSIMILHANÇA EM RELAÇÃO À REALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Denise Kelm

**Bagé
2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

M828r Morales, Sabrina de Oliveira da Silva

A representação da mulher em o conto da aia: um estudo da obra a partir da verossimilhança em relação à realidade / Sabrina de Oliveira da Silva Morales. 66 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2022. "Orientação: Miriam Denise Kelm".

1. O conto da aia. 2. Margaret Atwood. 3. Distopia. 4. Totalitarismo. 5. Movimento feminista brasileiro. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

SABRINA DE OLIVEIRA DA SILVA MORALES

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM O CONTO DA AIA: UM ESTUDO DA OBRA APARTIR
DA VEROSSIMILHANÇA EM RELAÇÃO À REALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 07 de março de 2022.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Miriam Denise Kelm
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Lúcia Maria Britto Corrêa
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Zila Letícia Goulart Pereira Rego
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **MIRIAM DENISE KELM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/03/2022, às 14:46, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUCIA MARIA BRITTO CORREA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/03/2022, às 15:23, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ZILA LETICIA GOULART PEREIRA REGO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/03/2022, às 15:53, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0761386** e o código CRC **B5CF24E5**.

Referência: Processo nº 23100.004982/2022-08 SEI nº 0761386

Para Márcia, Adriano e Gabriel.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Márcia Vieira de Oliveira e Jorge Adriano Duarte pelo incentivo aos meus estudos.

Agradeço ao meu noivo, Gabriel Pacheco Caneda por ser meu parceiro na jornada acadêmica, mesmo que de cursos diferentes e por sempre me apoiar e ajudar no que precisar.

Agradeço à minha irmã, Ruthllen de Oliveira Luiz por sempre acreditar em mim, dando-me forças para continuar e assim, alcançar meus objetivos.

Agradeço à minha docente orientadora, Miriam Denise Kelm por toda ajuda nesta fase tão importante e marcante da minha vida, sem ela este projeto não seria possível.

Por último, agradeço a Universidade Federal do Pampa e a todos os professores que fizeram parte da minha formação, levarei os ensinamentos para a vida toda.

“Você tem que agir como se fosse possível transformar radicalmente o mundo. E você tem que fazer isso o tempo todo”.

Angela Davis

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo estudar o feminismo, em especial no Brasil, dialogando com o romance distópico *O Conto da Aia* (1985), da escritora canadense Margaret Atwood, a partir das possíveis relações da obra para com a realidade, com enfoque principal no modo como as mulheres são vistas e tratadas, sobretudo as brasileiras, devido ao machismo instaurado em nossa sociedade. Discorro sobre como a cultura patriarcal está enraizada em nossas vidas e culmina na discrepância entre os gêneros masculino e feminino, em que os homens têm o poder de fazer o que quiserem, enquanto as mulheres são julgadas pelos seus atos. Ao longo desta pesquisa, tentei responder algumas questões que surgem com a leitura da narrativa, trazendo também os conceitos de distopia e totalitarismo, que são essenciais para o entendimento da obra e, também, apresentei um breve histórico da luta do movimento feminista brasileiro, em busca de direitos e respeito, para compreendermos melhor como chegamos até o presente momento. As principais obras que dão o suporte teórico para esta pesquisa são: *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (1949), *Pensamento feminista brasileiro - formação e contexto*, organizado pela Heloísa Buarque de Hollanda (2019) e *Origens do totalitarismo*, de Hannah Arendt (1951).

Palavras-chave: *O conto da aia*. Margaret Atwood. Distopia. Totalitarismo. Movimento feminista brasileiro.

ABSTRACT

This course conclusion work aims to analyze the dystopian novel *O Conto da Aia* (1985), by Canadian writer Margaret Atwood, from the possible relationships of the work to reality, with a main focus on the way women are seen and treated, especially Brazilian women, due to the machismo established in our society. I talk about how patriarchal culture is rooted in our lives and culminates in the discrepancy between male and female genders, in which men have the power to do what they want, while women are judged for their actions. Throughout this research, I tried to answer some questions that arise with the reading of the narrative, also bringing the concepts of dystopia and totalitarianism, which are essential for the understanding of the work and, also, I presented a brief history of the struggle of the Brazilian feminist movement, in search for rights and respect, to better understand how we got to the present moment. The main works that provide the theoretical support for this research are: *The second sex*, by Simone de Beauvoir (1949), *Brazilian feminist thought - formation and context*, organized by Heloísa Buarque de Hollanda (2019) and *Origins of totalitarianism*, by Hannah Arendt (1951).

Keywords: The Handmaid's Tale. Margaret Atwood. Dystopia. Totalitarianism. Brazilian feminist movement.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 O CONTO DA AIA “SOMENTE” UMA OBRA LITERÁRIA?.....	15
2.1 Sobre a autora e a obra <i>O Conto da Aia</i>.....	16
3 A DISTOPIA.....	24
3.1 O totalitarismo.....	28
4 O MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL.....	33
5 O CONTO DA AIA: UMA POSSÍVEL REALIDADE?.....	39
5.1 A verossimilhança da obra para com a realidade.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	64

1 INTRODUÇÃO

The Handmaid's Tale ou *O Conto da Aia* em português é um romance escrito por Margaret Atwood em 1985. É considerada a obra mais conhecida da autora, sendo adaptada para ópera, filme e série. Foi traduzida para aproximadamente 40 (quarenta) línguas. Apesar de pertencer à categoria ficcional, não podemos descartar a importância e a verossimilhança para com a nossa sociedade brasileira, por nos mostrar um contexto político e social bastante parecido em diversos aspectos.

O livro é um romance distópico, ou seja, uma narrativa sobre um lugar fictício em que os personagens vivem em um ambiente detestável, em situações de extrema opressão, que conta a história da República de Gilead (um Estado autoritarista e teocrático, governado somente por homens, que se baseia em uma interpretação literal e subjetiva da Bíblia Cristã, principalmente no Antigo Testamento), narrado pela visão de Offred, personagem principal da obra, cujo nome verdadeiro nunca fora revelado. O regime foi implantado após um golpe de Estado que dizimou parte do congresso dos Estados Unidos, fazendo com que um grupo intitulado “Os Filhos de Jacó” assumisse o poder. Os mesmos são seguidores religiosos do Velho Testamento e acreditam que a infertilidade das mulheres, decorrente da contaminação do meio ambiente, é resultado da ira de Deus e, por isso, a única saída é livrar-se de tudo que desvia a mulher de seu “caminho biológico”, no caso a maternidade, segundo os mesmos. Tira-se assim o direito à liberdade, não só das mulheres, mas da população em geral e qualquer pessoa que seja contra essa forma de governo é executada e o seu corpo é deixado no muro, como forma de aviso, para que as demais vejam e saibam que qualquer rebelião é punível com morte. Podemos dizer que todos os habitantes dos Estados Unidos da América foram afetados por esse novo modelo de regime, mas as mulheres foram as mais prejudicadas, tiveram praticamente todos os seus direitos retirados, como ler, escrever, trabalhar e o poder de decisão sobre as suas vidas.

A obra possui muitos aspectos que podem ser trabalhados, mas detenho-me nesta pesquisa a estudar e analisar o livro *O Conto da Aia* através da representação feminina ali realizada, devido à cultura patriarcal instaurada em convergência com a verossimilhança da realidade vivida por mulheres em âmbito mundial, não restringindo-se somente a aspectos brasileiros, mas tendo como foco a sociedade

brasileira. Busco compreender como a influência da cultura patriarcal está assentada na desigualdade de gênero e impede os avanços femininos e, por fim, estudar o recurso literário da distopia e como o mesmo auxilia na classificação da obra. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é estudar o feminismo, em especial no Brasil, dialogando com o romance distópico *O Conto da Aia* de Margaret Atwood, a partir da representação da mulher, nas aproximações possíveis com a atualidade e a verossimilhança da mesma para com a realidade.

A obra *O Conto da Aia* (1985), de Margaret Atwood, aborda temas de grande importância para a sociedade, tais como: extremismo religioso e questões de gênero. Temas esses que constituem uma grande preocupação em relação ao futuro de todos, nos faz refletir sobre como estaremos daqui a alguns anos e temer um futuro parecido com a sociedade fictícia de Gilead, demonstrando ainda a atualidade da obra, mesmo sendo escrita no século passado. As grandes questões que busquei desenvolver no projeto, devido a tantas semelhanças, são: de certa forma, já não estamos na nossa própria “Gilead” e se não, estamos nos encaminhando para ela? Os direitos das mulheres estão protegidos ou há chance de retrocesso; devemos estar em constante vigília? Pode uma obra literária aproximar-se a tal ponto de uma realidade imaginada?

A obra ficcional *O Conto da Aia* é tão verossímil em relação à realidade que nos mostra um futuro próximo ou que talvez já estejamos vivenciando de modo menos extremo, mas não menos real, de forma que aspectos isolados da mesma acontecem desde os primórdios, até a atualidade. Embora as mulheres tenham conquistado diversos direitos ao longo dos anos, eles podem ser retirados a qualquer momento e tudo voltar a ser como antes ou até pior, assim como acontece na obra? São hipóteses que tentarão ser abordadas neste trabalho.

A presente pesquisa possui caráter bibliográfico, tendo como objeto de estudo a obra *O Conto da Aia* de Margaret Atwood, de 1985. Para a obtenção de dados para a pesquisa, foram realizadas leituras de textos e obras a respeito de aspectos histórico-sociais e culturais acerca do Movimento Feminista, bem como a trajetória e circunstâncias que nos fizeram chegar à atualidade e o modo como a mulher é representada na sociedade. Juntamente com a área de Estudos Literários, que permite um melhor conhecimento e entendimento da obra e das questões que a

cercam, assim como o conceito de romance distópico, que é uma extrapolação da realidade, já que está ligado ao mundo que nos circunda. Com a finalidade de reunir diferentes materiais de conhecimentos acerca das áreas estudadas, para a produção de uma pesquisa com fundamentação teórica e que acrescentasse nas reflexões produzidas pela comunidade acadêmica.

Devido à pandemia que é vivenciada no momento do projeto 2021-2022, utilizei os materiais que tenho à disposição na internet, como: obras, teses e dissertações, onde há um vasto mundo a ser explorado, que me auxiliou e contribuiu para a minha pesquisa. Entre as principais obras consultadas para o então estudo, destacam-se: *Poética de Aristóteles (335 a.C)*, *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf (1924), *Tecendo por trás dos panos – a mulher brasileira nas relações familiares*, de Maria Lúcia Rocha-Coutinho (1994), *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (1949) e *Pensamento feminista brasileiro - formação e contexto* (2019). Com relação aos recursos literários distopia e totalitarismo, resalto o livro *Origens do totalitarismo*, de Hannah Arendt (1951).

A pesquisa está organizada em partes, sendo a seção dois referente ao primeiro capítulo e assim sucessivamente. No primeiro capítulo é apresentada a obra *O Conto da Aia*, bem como um pouco da vida de Margaret Atwood, como forma de conhecermos melhor a mesma e as possíveis motivações para a sua escrita. No segundo capítulo, discorreremos acerca do conceito de distopia, para que assim possamos compreender a classificação da obra, juntamente com um tópico em que trabalhamos o que é totalitarismo, outra concepção que se faz importante para a análise que desenvolvemos após a exposição dos conceitos mencionados. No terceiro capítulo tratamos de aspectos relacionados ao movimento feminista brasileiro, como o mesmo iniciou e em que ponto ele se encontra na atualidade. No quarto capítulo, abordamos assuntos que ligam a obra à atualidade, demonstrando a verossimilhança da mesma, sendo o lugar em que realizamos a análise da obra, com base nos capítulos citados.

2 O CONTO DA AIA: “SOMENTE” UMA OBRA LITERÁRIA?

Segundo Antonio Candido, é importante conhecermos o contexto de produção de uma obra, para melhor compreendermos a mesma. Por isso, na seção seguinte, farei uma breve explanação do que acontecia no período de sua publicação, juntamente com informações sobre a autora e como a mesma olha para o seu livro, na tentativa de compreender os prováveis estímulos para a criação de *O conto da aia*.

De fato, antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão. Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (CANDIDO, 2006, p. 13-4).

2.1 Sobre a autora e a obra *O Conto da Aia*

Margaret Eleanor Atwood nasceu em 1939 no Canadá, sendo uma escritora de renome internacional. Ela retrata em suas obras uma figura feminina que padece, mas ao mesmo tempo não se entrega, como vemos em *O Conto da Aia*. "Minhas mulheres sofrem porque a maior parte das mulheres com quem eu converso parecem já ter sofrido de alguma forma" (ATWOOD, What 'The Handmaid's Tale' Means in the Age of Trump, 2017, tradução nossa). Ela traz as experiências vivenciadas para as suas obras; ao mesmo tempo em que as suas personagens sofrem, elas vencem os desafios impostos.

Margaret Atwood é uma heroína nacional do Canadá. As pessoas a seguem nas ruas e nas lojas, em busca de autógrafos e querendo discutir os personagens de seus romances - a maioria deles mulheres modernas, inteligentes e egocêntricas em busca de identidade. Essas mulheres também sofrem muito e, como resultado, alguns críticos canadenses a apelidaram de "a alta sacerdotisa da angústia". (KLEMESRUD, Judy. High Priestess of Angst. The New York Times, 1982).

Margaret Atwood nasceu em Ottawa e frequentou a Universidade de Toronto, onde se formou. Após, mudou-se para Boston, lugar onde deu início a sua pós-graduação em Harvard e, posteriormente, ao seu mestrado. Detém diversos diplomas honorários, recebendo o título de Doutora em Literatura pelas universidades do Canadá. Aos 16 anos teve a certeza de que gostaria de ser escritora, pois desde cedo possuía muito apreço pela literatura. Possui diversas premiações literárias, como: *Governor General's Award*, *Booker Prize* e *Arthur C. Clarke*.

A primeira obra que Margaret Atwood escreveu foi um romance intitulado *A Mulher Comestível* (1969), que retrata uma personagem que começa a reconhecer características humanas nos alimentos e com isso não consegue mais consumi-los, com o imaginário de que estaria praticando canibalismo caso continuasse a ingeri-los. Embora a autora não descreva suas obras como feministas, em grande parte delas podemos perceber uma crítica ao papel social feminino imposto pela sociedade patriarcal. Tal como em seu primeiro livro, que simboliza, através da repulsão pela comida, a negação por se enquadrar em um papel doméstico.

A autora também escreve livros infantis, ressalto isso porque é muito interessante o fato de que uma escritora com um vasto acervo de livros que são realmente impactantes, que retratam mundos sombrios, tenha o dom para a escrita infantil, a qual embora use igualmente a imaginação, é uma literatura mais suavizada, o que demonstra o vasto campo literário da mesma. Podemos salientar e *O Conto da Aia* é um exemplo do quanto à autora tem uma enorme habilidade de produzir um ambiente de tensão em suas obras, que nos proporciona a imersão por completo no desconhecido e no obscuro, através de seus personagens.

Margaret Atwood também se sobressai na criação de romances que abordam acontecimentos reais, com o uso de estratégias narrativas utilizadas na ficção. No domínio da não ficção, possui trabalhos como: resenhas literárias, ensaios políticos, jornalísticos e afins.

A obra *O Conto da Aia* é o seu romance de maior sucesso, sendo transposto para aproximadamente 40 línguas; tornou-se série, ópera e filme. Um dos motivos para a ressurreição do exemplar à fama foi justamente a série produzida pelo serviço de *streaming* Hulu, lançada em 2017, que lhe forneceu visibilidade e fez com que parte do público que a assistiu se interessasse em lê-lo, fazendo com que voltasse à pauta. O seu sucesso deu-se devido à representatividade contida no livro e ao quanto ele agrega para a luta feminina, tanto no período que foi escrito, como nos dias atuais. É como se de certa forma a autora previsse o futuro e o que ele nos traria, como é ressaltado em uma entrevista dada por Margaret Atwood, ao New York Times: “A adaptação veio em um momento em que a ficção e a realidade se cruzam, 2017 foi um ano conturbado, com Trump nos EUA e uma onda de conservadorismo que fazem a obra ser tão realista (ATWOOD, What ‘The Handmaid’s Tale’ Means in the Age of Trump, 2017, tradução nossa)”.

Um dos fatores que pode ter sido influente para a criação de *O conto da aia* foi o fundamentalismo no Irã, ocorrido em 1979. O Irã, um país situado no Oriente Médio, mais precisamente na Ásia, deixou de ser uma monarquia autoritarista do então governante, Xá Mohammad Reza Pahlevi e tornou-se uma República Islâmica, fundamentada em preceitos religiosos do país, assim como no livro, em que o país deixa de ser uma democracia e passa a ser a República de Gilead, baseada em mandamentos Bíblicos. Os opositores ao governo de Xá, reivindicavam

a volta da tradição e dos princípios religiosos do Irã, que estava prejudicada devido ao seu líder manter relações amigáveis com o Ocidente e assim que assumiram o poder, modificaram a organização do país e implementaram regras apoiadas na religião. Cenário muito parecido com a obra, em que um grupo em descontentamento com a perda dos valores pregados pela Bíblia, decide acabar com tudo o que afasta as pessoas, mais precisamente as mulheres, do que eles consideravam como a vontade de Deus. Outra semelhança, é que a República Islâmica se instaurou no poder com alegações que aprimorariam a qualidade de vida da população, se baseando na democracia, mudando radicalmente a sua forma de governo quando chegou ao poder, passando a ser um Estado teocrático.

Outra questão que pode ter auxiliado a escrita do romance de Margaret Atwood, foi o acidente da usina nuclear Three Mile Island, localizada na Pensilvânia. Em 1979 um reator ficou prejudicado, o que acarretou na contaminação nas proximidades da usina e uma radiação extremamente mortal. O fato virou noticiário mundial e fez com que o medo das pessoas acerca da energia nuclear só aumentasse, causando terror em todos os países, o que já existia desde o bombardeio atômico das cidades japonesas cujos nomes são Hiroshima e Nagasaki, em 1945, feito pelos Estados Unidos. O cinema americano estava investigando bastante a questão do perigo das armas nucleares e um exemplo é o filme *Síndrome da China* (1979), que aborda um incidente em uma usina nuclear.

O livro *O Conto da Aia* é um romance distópico. Assim, por pertencer a essa categoria ficcional, não podemos descartar a importância e a verossimilhança com a nossa realidade. O romance publicado em 1985 traz questões relevantes não só para a época em que foi escrito, como também para a atualidade, ou seja, a obra foi e ainda é considerada um ícone literário do feminismo. Exercendo seu papel de romance distópico, a obra idealiza um possível destino para a nossa sociedade, através de um olhar crítico da mesma.

O Conto da Aia é considerado uma referência extrema à sociedade patriarcal, que considera o gênero masculino como superior sobre as mulheres, todos os que são vistos como diferentes, não se encaixam nessa perspectiva. A sociedade é estruturada assim desde os primórdios, onde os homens exerciam um grande domínio em relação às mulheres, algo que passou a ser questionado com a chegada

do movimento feminista. A falta de equidade era vista como algo normal, praticamente não sendo questionada, por isso deveu dar cada vez mais importância à luta feminista por direitos iguais.

A inferioridade e incapacidade das mulheres foram sendo adquiridas com o seu encerramento no lar, paralelamente a uma dependência sexual agravada. Com o passar dos milênios e a estruturação das sociedades de classe, a divisão dos papéis se solidificou. Passou a ser acompanhada de um trabalho ideológico que tende a racionalizar e a justificar a inferioridade das mulheres, sua segregação, e que encontra sua expressão nos mitos dos povos primitivos. [...] uma constante permanece: a inferioridade das mulheres, seu confinamento nos papéis tradicionais (ALAMBERT, 1986, p. 94).

Embora atualmente as mulheres tenham muito mais direitos em relação ao passado, a luta pela igualdade e os direitos humanos básicos deve ser constante, porque sempre existirá o pensamento patriarcal. A obra nos mostra isso, servindo como presságio ao conflito, pois “toda opressão cria um estado de guerra” (BEAUVOIR, 2016, p. 542).

O que torna a obra mais intrigante é o cenário político muito parecido com o que todos nós estamos vivenciando, não sendo algo somente no Brasil, mas no mundo, e o fato de que as pessoas que implementaram o regime em Gilead são seres comuns e utilizam sua crença religiosa, considerando ser a vontade de Deus. Tudo foi feito de um modo sorrateiro e quando a população percebeu de fato o que estava acontecendo já era tarde demais. A única opção era simplesmente conformar-se com a situação, já que qualquer ato de rebeldia seria severamente punido. Alguns líderes políticos e religiosos usam de sua fé para justificar seus atos e creem nisso, não sendo algo que usam só para convencer apoiadores, como recentemente vem acontecendo, em que a bancada cristã está cada vez maior no Congresso Nacional.

Algo parecido ocorreu nas eleições de 2018, onde o atual presidente da República do Brasil se aproveitou da revolta da população com o Partido dos Trabalhadores (PT), utilizando juntamente sua crença religiosa, conquistou a população cristã e conservadora, dominando assim a classe política e chegando ao poder.

O que torna o livro mais assustador é que “em lugar de nos oferecer um mundo alternativo, Atwood apenas tem a nos oferecer a mesma nossa história” (RÜSCHE, 2015, p. 60). Vemos em *O Conto da Aia* pensamentos retrógrados de maneira aumentada, mas que existem no mundo real.

A autora, em um artigo para o jornal New York Times (2017), diz que prefere que suas obras sejam denominadas como ficção especulativa, ao invés de ficção científica, já que, segundo a mesma, “em ficção científica há monstros e naves espaciais; ficção especulativa poderia realmente acontecer”. Segundo ela, embora os fatos abordados no livro não sejam reais, eles podem vir a ser, enquanto na ficção científica as histórias inventadas provavelmente não virão a acontecer, já que em muitas das vezes elas ultrapassam a realidade.

O que eu quero dizer por “ficção científica” são aqueles livros que descendem dos Marcianos sugadores de sangue atirados à Terra em cilindros metálicos de H.G. Wells – coisas que não poderiam acontecer – enquanto para mim, “ficção especulativa” significa enredos que descendem dos livros de Julio Verne sobre submarinos e viagem a balão e coisas do tipo – coisas que realmente poderiam acontecer, mas ainda não tinham acontecido completamente quando os autores escreveram os livros. Eu colocaria meus próprios livros nessa segunda categoria: sem Marcianos (ATWOOD, In *Other Worlds*, p. 6).

O que ocorre é que existe mais de um tipo de ficção científica, uma é caracterizada no molde citado acima e a outra se refere a um futuro que pode vir a acontecer, mesmo que tenha sido inventado, segundo Coutinho em “Ficção Científica: Narrativa do Mundo Contemporâneo” (2008):

Assim, a ficção científica é uma narrativa resultante do processo da tecnociência e sua construção só foi possível porque seus autores procuraram explicitar as possibilidades ficcionais que a tecnologia de cada época, cada tempo, permitia. Acabaram por obter, assim, uma interseção entre narrativas, relatos e técnicas, ou seja, entre a arte e a ciência, cruzando as criações tecnológicas com os diálogos narrativos, ficcionais e literários (COUTINHO, 2008, p. 18).

Tais textos nem sempre extrapolam a ciência possível e, mesmo apresentando robôs, ciborgues, e máquinas especiais, estão relacionados ao homem e à sociedade e desenvolvem pensamentos associados aos conhecimentos de determinada época. A ficção científica antecipa possibilidades de futuro, baseando-se exatamente em todos os conceitos científicos e tecnológicos atuais (COUTINHO, 2008, p. 1).

Levando em consideração essas distinções, colocamos a obra *O Conto da Aia* como romance distópico, ao invés de ficção científica. A mesma pertence a um

subgênero do romance e, embora como citado acima, alguns autores considerem que para uma obra enquadrar-se em ficção científica não é necessário uma grande invenção tecnológica, nas ficções científicas são inseridos artifícios baseados na ciência e que fazem parte da vida dos seus personagens, enquanto a distopia retrata uma sociedade alternativa, exagerando a realidade, sem necessariamente utilizar de recursos tecnológicos. Ou seja, embora a ficção científica trabalhe com temas relacionados ao futuro e seus acontecimentos sejam possíveis, inovações científicas são fundamentais para o rumo da história. Já a distopia apresenta o modo como os personagens convivem com alterações radicais, num possível tempo futuro, lidando com o acontecimento que deu origem a mesma, no caso da obra em questão, como Offred lida com a nova vida na República fictícia de Gilead. A própria autora diz que procurou não colocar na obra nenhuma tecnologia que ainda não havia sido inventada.

A autora (Atwood) afirma que embora o livro seja de caráter fictício, ela buscou em *O Conto da Aia*, assim como na sua continuação, que é o romance distópico denominado de *Os Testamentos* (2019), antecedentes históricos, ou seja, quase tudo que é abordado em ambas às obras já ocorreu.

Uma das minhas regras era que eu não colocaria no livro quaisquer eventos que já não tivessem acontecido no que James Joyce chamou de “pesadelo” da história, nem qualquer tecnologia que já não estivesse disponível. Sem engenhocas imaginárias, sem leis imaginárias, sem atrocidades imaginárias (ATWOOD, What ‘The Handmaid’s Tale’ Means in the Age of Trump, 2017, tradução nossa).

Em entrevista recente ao Jornal Folha de São Paulo, Margaret Atwood explica que na história americana eram as mulheres negras que durante a escravidão sofriam estupros, separação dos filhos (pois os filhos pertenciam aos seus “donos” e, com isso, muitas vezes eram vendidos), sendo tratadas de maneiras cruéis. Gilead é assumidamente racista, ou como ela denomina “uma supremacia branca”, por isso não existem personagens negros na obra, embora na série a personagem Moura tenha sido retratada como uma mulher negra, no livro a mesma é retratada como uma pessoa branca.

É um regime de supremacia branca. Então todas as pessoas negras identificáveis pelo regime foram colocadas em terras segregadas, que foi o que aconteceu durante o apartheid na África do Sul (PORTO, Walter. Margaret Atwood, autora de 'O Conto da Aia', acredita no impeachment de Bolsonaro. Folha de São Paulo, 2021).

A autora de *O Conto da Aia* não coloca sua obra como de caráter feminista, pois para a mesma só é possível rotular um(a) escritor(a) como feminista, quando ele(a) escreve dentro dos moldes do feminismo e com a intenção do mesmo. Ela ressalta, também, que acredita em um feminismo em que as mulheres podem sim escolher serem donas do seu lar e terem filhos, ao mesmo tempo em que deve existir uma igualdade entre homens e mulheres, em que os homens não devem ser considerados superiores em relação às mulheres.

Margaret Atwood afirma que seu livro não é contra a religião e, sim, contra a usarem como pretexto para o autoritarismo. Vemos em Gilead um Estado Teocrático, que utiliza de artifícios como a religião para coagir as pessoas; a partir de uma interpretação radical e patriarcal da Bíblia, a usam para justificar seus atos, assim ganhando mais simpatia ao regime, já que tudo é em nome de Deus. Na obra, a personagem Offred se recusa a aceitar que o então regime é de fato uma ordem divina, já que o que conhecemos é um Deus bondoso e amoroso, enquanto na obra é retratado como implacável. Podemos até mesmo dizer que Gilead se considera anonimamente o próprio Deus, já que escolhe quem vive e quem morre, mesmo que a partir de uma interpretação do que é considerado pecado e de como puni-lo. Destaco também a questão de que os comandantes cometem infrações, mas as justificam, como se fossem inalcançáveis, enquanto qualquer outra pessoa que “pecar” deve ser severamente punida. “Deste modo, o livro não é “antirreligião”. É contra o uso da religião como fachada para a tirania; isto é inteiramente diferente”. (ATWOOD, What ‘The Handmaid’s Tale’ Means in the Age of Trump, 2017, tradução nossa).

A autora salienta que seu livro não é uma previsão para o futuro, porque é impossível adivinhar o mesmo. Embora estejamos testemunhando diversos pontos que coincidem com o que é retratado na obra, como o grupo islâmico denominado Talibã, que recentemente voltou a assumir o poder no Afeganistão. O grupo com regime fundamentalista islâmico é radical e extremista e, na primeira vez que governou o país em 1996, proibiu as mulheres de trabalharem e estudarem, o que demonstra o quanto as coisas podem mudar e de uma hora para a outra, podemos retroceder.

Digamos que é uma antiprevisão: se este futuro puder ser descrito em detalhes, talvez não vá acontecer. Porém, também não podemos depender de tal quimera. Tantos fios diferentes tecem *O conto da aia* — execuções coletivas, leis sumárias, queima de livros, o programa Lebensborn da SS e o roubo de filhos por parte dos generais argentinos, a história da escravidão, a história da poligamia americana... a lista é longa (ATWOOD, What 'The Handmaid's Tale' Means in the Age of Trump, 2017, tradução nossa).

A relevância e importância da obra são de caráter social, principalmente com o aumento significativo da violência contra mulheres, ainda mais crítico no momento pandêmico que todos nós estamos vivenciando, com muitas pessoas perdendo o emprego e com isso as vítimas veem-se dependentes do parceiro economicamente, ficando mais difícil escapar desse ciclo de violência.

No próximo capítulo, irei abordar os conceitos de distopia e de totalitarismo, ambos encontrados em *O conto da aia* e que se fazem importantes para a compreensão da obra.

3 A DISTOPIA

A distopia ou antiutopia é o lado negativo da utopia. Enquanto o gênero literário da utopia retrata a representação de uma sociedade ideal, em que tudo está perfeitamente bem e “sem” problemas, porque eles já foram solucionados, devido às medidas tomadas, sendo considerado um exemplo a ser seguido. A distopia é o inverso, porque mostra um segundo lado, geralmente pela visão do povo, que está tendo de conviver com estas regras e padecendo com as mesmas. Podemos considerar a utopia e a distopia lados diferentes da mesma “moeda”, na distopia e na utopia ocorre a predominância de modelos totalitários¹, ou seja, as pessoas param de ter o poder de escolha e passam a acatar o que o Estado dita como correto. Em ambos os tipos, os governantes buscam pelo equilíbrio social, isto é, a paz daquela comunidade, por meio da resolução de todos os problemas e, para que isso ocorra, é necessário deixar o individualismo e que todos passem a ser parte de um mesmo “corpo”, para que parem de pensar somente em si e passem a considerar o próximo, como se fosse um “bem” maior, por isso a semelhança entre os dois. Outra questão, é que os governantes fazem o que consideram melhor, custe o que custar, para a realização do seu propósito, isto é, o que eles encontrarem no caminho, eles “destroem”, não se importando com mortes e/ou qualquer outro tipo de ato considerado como cruel.

As obras utópicas têm uma premissa fundamental que é a idealização de sociedades, que são imaginadas como perfeitas, onde todos os problemas relativos à vida coletiva e pessoal não estariam mais presentes, tampouco os conflitos inerentes à divergência de pensamentos dos indivíduos que compõem essas sociedades, nos níveis políticos e culturais; em resumo, a forma correta de governo seria atingida nessas sociedades (AZEVEDO, 2015, p. 10).

Assim, a partir desta ideia de mudança social relacionada ao termo, temos na História utopias sociais que realmente foram aplicadas, como o nazismo, o fascismo e o stalinismo. Estes foram regimes/governos com ideais utópicos e certamente modificaram as estruturas sociais anteriores e posteriores às suas aplicações (AZEVEDO, 2015, p. 11).

Quando os governantes dessas sociedades a idealizam, ele a pensam como um modelo que solucionaria todos os problemas que estavam sofrendo, geralmente nesses tipos de civilizações, a população está passando por uma crise, seja

¹ O totalitarismo “é a destruição da linha entre o Estado e a sociedade, e a total politização dessa sociedade por meio do partido único” (NEUMAN apud CHASIN, 2012, p. 15).

econômica, política ou até ambiental, como em *O Conto da Aia*. E as consequências causadas seriam mínimas perto do bem que a implementação traria. Por isso, para os governantes a sociedade sonhada é considerada uma utopia, porque ela foi pensada pelos mesmos, mas para a população que está de fato vivenciando, perdendo a sua individualidade, a sua liberdade de expressão e sendo obrigada a seguir à risca as ordens do governo, a sociedade é considerada distópica, porque por mais que os problemas antigos tenham sido resolvidos, problemas novos e talvez muito piores, surgiram.

São muito diferentes as perspectivas pelas quais os autores de utopias e distopias edificam as suas construções; ambas, entretanto, são regidas pelas mesmas leis, como a tragédia e a comédia também o são, segundo o juízo clássico, aristotélico. Podemos considerar que:

a) a utopia clássica se desenvolve construindo um hiato (insanável) entre a História real e o espaço reservado para as projeções utópicas; a descoberta de um país distante, até então ignorado (como no enredo de Morus, Campanella e outros) se tornou símbolo de uma fratura não apenas geográfica, mas, sobretudo histórica;

b) a distopia busca colocar-se em continuidade com o processo histórico, ampliando e formalizando as tendências negativas operantes no presente que, se não forem obstruídas, podem conduzir, quase fatalmente, às sociedades perversas (a própria distopia) (BERRIEL, 2005, p. 2).

Retomando, as distopias reproduzem uma sociedade em que a população está em circunstâncias de forte opressão, medo e falta de liberdade. É implantado um sistema político onde não há imposição, todos devem seguir as regras vigentes e os governantes comandam a vida da população, com finalidade de controle, tanto sobre o que fazem na rua publicamente, quanto na vida privada. Podemos considerar a antiutopia como uma crítica à sociedade atual e uma previsão negativa do futuro se as coisas continuarem da maneira que estão em conexão ao momento no qual foi escrita.

As distopias na literatura podem ser observadas como respostas às utopias, colocando-as em desconfiança ou até mesmo as desconstruindo. Enquanto as utopias políticas e sociais de Platão e Morus mencionam lugares perfeitos para viver e o que poderia ser considerado o auge de uma civilização, as distopias surgem mostrando que uma "receita" de sociedade pode ser perigosa (AZEVEDO, 2015, p. 20).

Em ambas as literaturas, - distópicas e utópicas - a igualdade social é considerada a melhor via, já que assim, todos os indivíduos teriam os mesmos direitos e deveres, alcançando uma harmonia social, acabando com a competição e

a diferença entre a população, por isso, eles passam a ser um só, zelando pelo bem da comunidade. O que ocorre é que este tipo de abordagem acaba com a liberdade de expressão das pessoas, já que o Estado as vigia e todos têm que ser considerados a extensão do outro.

Estas obras mostram aos leitores sociedades alternativas, onde não há espaço para o individualismo, tudo é voltado para o coletivo, e o controle dos indivíduos pelo Estado se dá em diversos níveis nas mesmas. Desta forma, podemos chamar tanto as representações utópicas quanto as distópicas de totalitárias (AZEVEDO, 2015, p. 20).

Podemos considerar a distopia e a utopia como duas visões de um mesmo gênero, já que ambas apresentam estruturas específicas de um modelo alternativo de sociedade, a diferença principal, como já foi dito acima, é que na utopia temos o lado otimista, em que só enxergamos o que está indo bem, enquanto a distopia nos mostra uma visão pessimista, em que as mudanças “positivas” não compensam pelo o que a população tem de passar.

As utopias propõem uma melhora ao presente, as distopias ampliam os aspectos negativos do presente e os projetam em um futuro onde estes prevalecem. Há diferenças entre as utopias e distopias na literatura, assim como há aproximações expressivas, portanto, elas, fora o sentido etimológico, não podem ser consideradas diretamente opostas.

Ou seja, as representações distópicas são primeiramente idealizadas como utopias, pelos que detêm o poder, e não necessariamente planejadas enquanto sociedades de pesadelo, como vemos nos romances distópicos (AZEVEDO, 2015, p. 21).

A utopia e a distopia possuem semelhanças e discrepâncias, em razão disso, consideramos as mesmas como lados diferentes, mas não divergentes. Retomando o que foi dito, isso acontece porque quem arquiteta uma utopia não a cria para ser um lugar ruim e, sim, para solucionar os problemas advindos, ou seja, um aperfeiçoamento da atualidade. A utopia torna-se uma distopia, quando as particularidades ruins dos dias atuais são expandidas e estendidas no futuro.

Apesar do nome, distopia não é simplesmente o oposto de utopia. Um verdadeiro oposto de utopia seria uma sociedade completamente não planejada ou que está planejada para ser deliberadamente aterrorizante e terrível. Distopia, tipicamente invocada, não é nem uma dessas coisas; ao contrário, é uma utopia que deu errado, ou uma utopia que funciona apenas para um determinado segmento da sociedade (Gordin et. al., 2010, p. 1).

Também há o argumento que as distopias são o reflexo da situação e da época em que sua produção se situa. As perspectivas renascentistas deram o tom positivo das utopias enquanto as distopias surgiram e se firmaram no

século XX, onde as duas guerras mundiais moldaram o pessimismo em relação às futuras possíveis configurações sociais. Szachi (1979) traz a ideia de que, —Alguns são mesmo capazes de afirmar que as utopias negativas são, afinal de contas, as únicas utopias de nossos tempos, o que deve ilustrar o ceticismo e pessimismo típicos do mundo de hoje; teria ocorrido uma profunda mudança no âmbito do gênero literário (p. 112) (AZEVEDO, 2015, p. 21 e 22).

Continuando, na literatura as utopias são retratadas a partir do olhar de seus criadores, enquanto a distopia nos mostra a perspectiva de quem vivencia cotidianamente e não tem os mesmos privilégios que os idealizadores, ou seja, o povo. Por isso que as utopias são retratadas como lugares perfeitos, porque são impecáveis para quem as planeja, enquanto a população demonstra que, na prática, essa sociedade pode não funcionar tão bem assim.

Temos nas utopias e distopias sociedades totalitárias, com o Estado agindo sobre todos os aspectos da vida dos indivíduos. Nas utopias são apresentadas as sociedades perfeitas em que todos deveriam ser felizes com as normas estabelecidas. Já nas distopias, todos também deveriam ser felizes sob as duras determinações vindas do Estado. No entanto, pode-se ver que, nelas, as pessoas são infelizes e/ou profundamente condicionadas, sendo apenas marionetes nas mãos de uma minoria governante que é dona da verdade e da vida de cada um. Então, as sociedades ficcionalizadas nas utopias e distopias têm o mesmo propósito com um resultado diferente (AZEVEDO, 2015, p. 23).

3.1 O totalitarismo

Uma das características das literaturas distópicas é a presença do totalitarismo e podemos entender melhor o conceito com a leitura da obra *Origens do Totalitarismo* (1951) de Hannah Arendt. A autora busca identificar as possíveis causas do totalitarismo, chegando à conclusão de que o mesmo não foi importado da “lua” e, sim, é uma cristalização de diversas ações humanas, criado para atender a essas necessidades. Para a autora, o nazismo (liderado por Adolf Hitler) e o stalinismo (comandado por Josef Stalin) foram exemplos de governos totalitários aplicados no mundo real. “(...) a sociedade deve viver em função do Estado e não de si. Assim estabelece-se uma relação de servidão entre a sociedade e o Estado onde o indivíduo deve ser e agir de acordo com o que o Estado determina” (AZEVEDO, 2015, p. 42).

Os movimentos totalitários dependiam menos da falta de estrutura de uma sociedade de massa do que das condições específicas de uma massa atomizada e individualizada, como se pode constatar por uma comparação do nazismo com o bolchevismo, que surgiram em seus respectivos países em circunstâncias muito diversas. A fim de transformar a ditadura revolucionária de Lênin em completo regime totalitário, Stálin teve primeiro de criar artificialmente aquela sociedade atomizada que havia sido preparada para os nazistas na Alemanha por circunstâncias históricas (ARENDR, 2012, p. 285).

O totalitarismo é um tipo totalmente diferente de formação política e tem como marcas registradas:

- A busca pelo poder, custe o que custar (o que importa são os interesses dos governantes e não os do povo);
- O medo e terror: a forma de governança se estabelece implantando o medo, tanto do povo pelo seu governante, onde o mesmo é oprimido e qualquer forma de rebelião é punível com violência e o temor do governante por uma possível rebelião de seu povo e, com isso, a perda de seu poder, por isso nesse tipo de governo é tirada toda liberdade e qualquer desvio disso pode levar à morte.
- A repressão: quem vai contra o que o governo dita como certo, é repreendido na frente do restante da população, mostrando que se mais alguém sair da “linha”, também será punido, aumentando ainda mais o terror da população.

Para se estabelecer o totalitarismo, geralmente há eventos ou situações catalisadoras para que as massas tendam a apoiar estes sistemas de governo. Para a autora, — depois da Primeira Guerra Mundial, uma onda antidemocrática e pró-ditatorial de movimentos totalitários varreu a Europa (p. 437) sendo a guerra o elemento desestruturador social que fomentou as ideias totalitaristas (AZEVEDO, 2015, p. 42).

O totalitarismo utiliza de uma ideologia que faz com que o povo tenha mais aceitação ao regime implantado. Utilizando um tipo de doutrinação, faz com que a população acredite que aquilo é o melhor para eles. Manipulando "os segredos do passado, as complexidades do presente, as incertezas do futuro" (ARENDR, 1989, p. 521.).

Seria um erro ainda mais grave esquecer, em face dessa impermanência, que os regimes totalitários, enquanto no poder, e os líderes totalitários, enquanto vivos, sempre "comandam e baseiam-se no apoio das massas". A ascensão de Hitler ao poder foi legal dentro do sistema majoritário, e ele não poderia ter mantido a liderança de tão grande população, sobrevivido a tantas crises internas e externas, e enfrentado tantos perigos de lutas intrapartidárias, se não tivesse contado com a confiança das massas. Isso se aplica também a Stálin. Nem os julgamentos de Moscou nem a liquidação do grupo de Röhm teriam sido possíveis se essas massas não tivessem apoiado Stálin e Hitler (ARENDR, 2012, p. 277).

Os líderes recorrem ao que a população está vivenciando, normalmente um cenário caótico, como: fome, morte, doenças, etc., causando uma elevação no medo e no terror e assim conseguem assumir o poder, com a justificativa de que o que o governante sabe é o melhor para essas massas², anulando a individualidade, em busca de uma nação que quer e pensa as mesmas coisas, para o bem dessa população, transferindo todo o poder para um único líder político. O povo confia nesse governante, acreditando que ele está fazendo o melhor para a sua nação e que todo o mal, tudo de ruim que passaram ficará para trás e viverão tempos prósperos, por isso aceitam ser subordinados a essa forma de governo.

Não se pode atribuir essa popularidade ao sucesso de uma propaganda magistral e mentirosa que conseguiu arrolar a ignorância e a estupidez. Pois a propaganda dos movimentos totalitários, que precede a instauração dos regimes totalitários e os acompanha, é invariavelmente tão franca quanto mentirosa, e os governantes totalitários em potencial geralmente iniciam suas carreiras vangloriando-se de crimes passados e planejando cuidadosamente os seus crimes futuros (ARENDR, 2012, p. 278).

² O termo massa só se aplica quando lidamos com pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou a sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato de trabalhadores. Potencialmente, as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder de voto (ARENDR, 2012, p. 280).

Nesse tipo de governo, sempre há um inimigo em comum, ou seja, os que são contra aquilo que o totalitarismo acredita, e utilizam disso para criar um ódio na população a esse adversário, fazendo com que se juntem, nutrindo um elo entre a população e o governo. Isso aconteceu, por exemplo, na última eleição à Presidência da República (2018), onde o atual Presidente utilizou do ódio da população contra o Ex-Presidente Lula, para subir ao poder.

Nada caracteriza melhor os movimentos totalitários em geral — e principalmente a fama de que desfrutam os seus líderes — do que a surpreendente facilidade com que são substituídos. Stálin conseguiu legitimar-se como herdeiro político de Lênin à custa de amargas lutas intrapartidárias e de vastas concessões à memória do antecessor. Já os sucessores de Stálin procuraram substituí-lo sem tais condescendências, embora ele houvesse permanecido no poder por trinta anos e dispusesse de uma máquina de propaganda, desconhecida ao tempo de Lênin, para imortalizar o seu nome. O mesmo se aplica a Hitler, que durante toda a vida exerceu um fascínio que supostamente cativava a todos, e que, depois de derrotado e morto, está hoje tão completamente esquecido que mal representa alguma coisa, mesmo entre os grupos neofascistas e neonazistas da Alemanha (ARENDETT, 2012, p. 277).

No totalitarismo há o controle total da população, onde o governo pode ditar absolutamente tudo na vida da população e a mesma, por medo, não reage, só acata as leis. Outra forte característica do governo totalitário é a utilização de propaganda alienante, que vai ao encontro da ideologia do governante, para continuar mantendo a aceitação e apoio da nação, sendo todas as mídias vigiadas.

[...] as massas têm de ser conquistadas por meio da propaganda. Sob um governo constitucional e havendo liberdade de opinião, os movimentos totalitários que lutam pelo poder podem usar o terror somente até certo ponto e, como qualquer outro partido, necessitam granjear aderentes e parecer plausíveis aos olhos de um público que ainda não está rigorosamente isolado de todas as outras fontes de informação (ARENDETT, 2012, p. 303).

Apesar de diversas tentativas ao longo da história, o mundo majoritariamente não é totalitário, ou seja, tem a democracia como a sua forma de governo. Já no totalitarismo, a propaganda é essencial na busca dessa forma de governo em cativar apoiadores, e quando o mesmo consegue subir ao poder, a substitui por um modo de “adestramento” da população. Empregando a brutalidade para reafirmar as suas convicções.

Nos países totalitários, a propaganda e o terror parecem ser duas faces da mesma moeda. Isso, porém, só é verdadeiro em parte. Quando o totalitarismo detém o controle absoluto, substitui a propaganda pela doutrinação e emprega a violência não mais para assustar o povo (o que só

é feito nos estágios iniciais, quando ainda existe a oposição política), mas para dar realidade às suas doutrinas ideológicas e às suas mentiras utilitárias.

Por existirem num mundo que não é totalitário, os movimentos totalitários são forçados a recorrer ao que comumente chamamos de propaganda. Mas essa propaganda é sempre dirigida a um público de fora — sejam as camadas não totalitárias da população do próprio país, sejam os países não totalitários do exterior. Essa área externa à qual a propaganda totalitária dirige o seu apelo pode variar grandemente; mesmo depois da tomada do poder, a propaganda totalitária pode ainda dirigir-se àqueles segmentos da própria população cuja coordenação não foi seguida de doutrinação suficiente (ARENDDT, 2012, p. 303).

O que o governo acredita é o mesmo que a população deve acreditar. Ou seja, o totalitarismo é uma forma de governo onde qualquer forma de oposição é punida e se utiliza do apoio das Forças Armadas para conter a população e com isso possíveis rebeliões, pois qualquer um que for contra será torturado e possivelmente morto, com isso, há uma manipulação das massas, sendo usado o terror como forma de conter a população.

Nos países totalitários, a propaganda e o terror parecem ser duas faces da mesma moeda. Isso, porém, só é verdadeiro em parte. Quando o totalitarismo detém o controle absoluto, substitui a propaganda pela doutrinação e emprega a violência não mais para assustar o povo (o que só é feito nos estágios iniciais, quando ainda existe oposição política), mas para dar realidade às suas doutrinas ideológicas e às suas mentiras utilitárias (ARENDDT, 2012, p. 30).

Os participantes ativos desse tipo de governo possuem uma obstinação implacável, fazendo o que for necessário pelo mesmo. Qualquer argumento contrário ao que a ideologia do movimento acredita é automaticamente desconsiderado, é como se eles vivessem pela causa e, com isso, não fossem mais individualizados do mesmo.

O fanatismo dos movimentos totalitários, ao contrário das demais formas de idealismo, desaparece no momento em que o movimento deixa em apuros os seus seguidores fanáticos, matando neles qualquer resto de convicção que possa ter sobrevivido ao colapso do próprio movimento. Mas, dentro da estrutura organizacional do movimento, enquanto ele permanece inteiro, os membros fanatizados são inatingíveis pela experiência e pelo argumento; a identificação com o movimento e o conformismo total parecem ter destruído a própria capacidade de sentir, mesmo que seja algo tão extremo como a tortura ou o medo da morte (ARENDDT, 2012, p. 278).

O regime totalitarista deseja acabar com qualquer forma de liberdade de expressão que possa existir, como meio de extinguir a oposição existente e, assim, assumir o poder total, contendo a população, através de atos como: a privação da

democracia, domínio das massas e da economia e o monitoramento constante das mesmas.

O domínio totalitário, porém, visa à abolição da liberdade e até mesmo à eliminação de toda espontaneidade humana e não a simples restrição, por mais tirânica que seja, da liberdade (ARENDETT, 2012, p. 347).

No próximo capítulo, será feita uma pequena explanação da história do movimento feminista brasileiro, para que seja possível compreendermos as situações das mulheres de antigamente e da atualidade.

4 O MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL

Neste momento, traremos uma breve história do Movimento Feminista no país, como forma de aproximarmos a obra com a realidade das mulheres brasileiras posteriormente, assim como foi proposto desde o início da pesquisa.

O Movimento Feminista surgiu no Brasil no século XIX, mais precisamente nas primeiras décadas, que foi quando as mulheres acordaram para a realidade em que viviam e passaram a questionar-se sobre os seus direitos e a forma como eram tratadas.

Penso que o “feminismo” poderia ser compreendido em um sentido amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo. Somente então será possível valorizar os momentos iniciais desta luta – contra os preconceitos mais primários e arraigados – e considerar aquelas mulheres, que se expuseram à incompreensão e à crítica, nossas primeiras e legítimas feministas (DUARTE, 2003, p. 152).

O que era visto como um sonho, algo longe de acontecer, foi possível graças a essas mulheres que lutaram pelo que acreditaram, mesmo com tantos julgamentos e preconceitos sofridos. O direito ao voto, cursar uma faculdade, poder escolher a sua profissão, não ter a obrigatoriedade de ser dona de casa, salários, direitos e oportunidades iguais entre homens e mulheres, era um delírio. São coisas do nosso cotidiano, tão naturais, que nem nos vemos mais sem elas. São lutas que perpassam séculos e que ainda continuam tão vívidas quanto no momento que tiveram origem.

Algo que não podemos negar é que mesmo o Movimento Feminista tendo trazido inúmeras oportunidades e direitos às mulheres, a palavra “feminista” é vista de uma maneira depreciativa e muitas mulheres tentam esquivar-se dela, não sendo razão de orgulho.

A reação desencadeada pelo antifeminismo foi tão forte e competente, que não só promoveu um desgaste semântico da palavra, como transformou a imagem da feminista em sinônimo de mulher mal amada, machona, feia e, a gota d’água, o oposto de “feminina”. Provavelmente, por receio de serem rejeitadas ou de ficarem mal vistas muitas de nossas escritoras, intelectuais, e a brasileira de modo geral, passaram enfaticamente a recusar tal título (DUARTE, 2003, p. 151).

Em razão disso, o movimento feminista, as batalhas enfrentadas e as precursoras do mesmo não são conhecidas da maneira como verdadeiramente são e, sim, de uma forma deturpada.

Segundo Constância Duarte (2003), em “Feminismo e literatura no Brasil”, temos “pelo menos quatro momentos áureos na história do feminismo brasileiro... em que estiveram mais próximos da concretização de suas bandeiras, em torno de 1830, 1870, 1920 e 1970.” (p. 152), que serão apresentados a seguir.

Longe de serem estanques, tais momentos conservam uma movimentação natural em seu interior, de fluxo e refluxo, e costumam, por isso, ser comparados a ondas, que começam difusas e imperceptíveis e, aos poucos (ou de repente) se avolumam em direção ao clímax – o instante de maior envergadura, para então refluir numa fase de aparente calma, e novamente recomeçar (DUARTE, 2003, p. 152).

O primeiro momento diz respeito a algo considerado essencial, mas que no século XIX era um privilégio da classe masculina, que era ler e escrever. A mulher era criada para cuidar do marido e filhos, por isso nem ao menos o básico era estudado. Elas não tinham o porquê de aprender, já que eram destinadas à vida de dona de casa, sem escolhas.

A primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas data de 1827, e até então as opções eram uns poucos conventos, que guardavam as meninas para o casamento, raras escolas particulares nas casas das professoras, ou o ensino individualizado, todos se ocupando apenas com as prendas domésticas (DUARTE, 2003, p. 152).

O segundo momento teve início em 1870, que foi quando surgiram diversas revistas e jornais de cunho feminista, sendo a maioria do Rio de Janeiro. Os artigos e temas que eram abordados iam desde moda, vida doméstica, até assuntos considerados ousados para a época, tais como: a independência feminina, faculdade, igualdade e serviços com remuneração, voto e separação. Os veículos de comunicação feministas estavam tentando mudar a mentalidade da época e promover a libertação das mulheres.

Embora o movimento feminista estivesse no seu auge, à maioria era contrária a isso, mais precisamente homens, que com a mentalidade da época não conseguiam entender como uma mulher poderia dar conta das tarefas domésticas,

juntamente com um trabalho e usavam isso como argumento para atrasar a ascensão feminina.

A resistência à profissionalização das mulheres da classe alta e da classe média permanecia inalterada, pois esperava-se que elas se dedicassem integralmente ao lar e à família. Apenas as moças pobres estavam liberadas para trabalhar nas fábricas e na prestação de serviços domésticos (DUARTE, 2003, p. 158).

O terceiro momento tem início no século XX, período em que a maioria das mulheres não suportava mais a subordinação aos homens e a falta de liberdade. Elas queriam igualdade e com isso refiro-me aos direitos mais básicos, tais como: permissão para votarem, poderem cursar uma universidade e escolherem sua profissão, seja ela qual for. Na época, as mulheres só podiam trabalhar na maioria das vezes lecionando, sendo bem reduzidas as opções no mundo profissional.

A década de 1920 foi particularmente pródiga na movimentação de mulheres. Além de um feminismo burguês e bem-comportado que logrou ocupar a grande imprensa, com suas inflamadas reivindicações, viu ainda emergir nomes vinculados a um movimento anarco-feminista, que propunham a emancipação da mulher nos diferentes planos da vida social, a instrução da classe operária e uma nova sociedade libertária, mas discordavam quanto à representatividade feminina ou à ideia do voto para a mulher (DUARTE, 2003, p. 160).

O primeiro projeto de lei que apoiava o direito ao voto feminino foi apresentado em 1919 por Justo Chermont. Assim como tudo que é novo assusta as pessoas mais tradicionais, esse projeto causou tamanho receio que conseguiram atrasar a implementação, prolongando a discussão.

Tal fato repercutiu tanto, e representou uma ameaça tão expressiva, que os antifeministas do Senado, da Câmara e da imprensa se uniram numa campanha sistemática de ridicularização das mulheres e dos poucos homens que as apoiavam, conseguindo atrasar o processo e arrastar a campanha do voto até 1928 (DUARTE, 2003, p. 161).

Em 1927, as mulheres do estado do Rio Grande do Norte alcançaram um grande marco, sendo as primeiras a conseguirem o direito ao voto, com a aprovação antecipada em relação aos demais estados, pelo governador atual da época, Juvenal Lamartine. Mesmo a lei sendo aprovada somente em um lugar, foi uma vitória e motivo de comemoração para todas as brasileiras. Apenas alguns anos depois, em 1932, Getúlio Vargas autoriza o novo Código Eleitoral, fornecendo o direito feminino ao voto. Como o mesmo suspendeu as eleições da sua época, com

o cancelamento da constituição de 1934, as mulheres só conseguiram desempenhar o direito em 1945.

O quarto momento do movimento feminista teve início nos anos de 1970 e atingiu o ápice.

Encontros e congressos de mulheres se sucedem, cada qual com sua especificidade de reflexão, assim como dezenas de organizações, muitas nem tão feministas, mas todas reivindicando maior visibilidade, conscientização política e melhoria nas condições de trabalho (DUARTE, 2003, p. 165).

Apesar da ditadura militar que fora iniciada em 1964, temas como aborto, sexualidade feminina e o pertencimento do corpo feminino somente à mulher, considerados “tabus”, são pautados. Jornais centrados na figura feminina foram importantíssimos para o momento vivenciado e tratavam de temas como os citados acima.

Os anos de 1990 ocorreram com adequações à época, com isso, acomodação na causa feminista, por pensarem que suas reivindicações tinham sido atendidas e, assim, já não era necessário tanta militância. Em consequência, as lutas de pessoas homossexuais ganharam mais atenção e o movimento feminista saiu de certa forma de cena. Por isso, foi se propagando um pensamento “pós-feminista”, já que acreditou-se que a presença da figura feminina em diversos meios sociais, não poderia ser contestada e, desse modo, seus objetivos foram atingidos, não existindo mais pelo que lutar, devendo dar lugar as outras bandeiras.

Se o prefixo “pós” estiver sendo empregado (e lido) como explicitando uma fase posterior ao feminismo – agora ultrapassado e fora de moda – não posso concordar com a expressão. Apesar de tantas conquistas nos inúmeros campos de conhecimento e da vida social, persistem nichos patriarcais de resistência. Basta que lembremos do salário inferior, da presença absurdamente desigual de mulheres em assembléias e em cargos de direção, e da ancestral violência que continua sendo praticada com a mesma covardia e abuso da força física (DUARTE, 2003, p. 168).

Não podemos negar que as mulheres continuam ganhando mais representatividade, chegando a cargos públicos, tendo uma vida política mais ativa, ganhando voz na literatura e o direito de escolher ser mãe ou não, de escolher sua profissão, se deseja casar e afins, dia após dia, conquistando mais direitos, graças as precursoras do movimento feminista. O que entendo que a autora quis dizer é

que, apesar das inúmeras conquistas, o machismo ainda é enraizado em nossa sociedade. Pensando que tudo já havia sido conquistado, as mulheres "baixaram a guarda" quando, na verdade, ainda existe muita desigualdade e podemos perceber isso nos exemplos citados acima. "Visto em perspectiva, o feminismo integra um longo processo de mudanças que envolveu a emancipação dos indivíduos das formas tradicionais da vida social" (SORJ, 2019, p. 102).

Falando da atualidade, um dos julgamentos da pós-modernidade é a questão da generalização do pensamento, em prol de um equilíbrio que acabaria com as diferenças, mas ao mesmo tempo tiraria a individualidade do outro. Ou seja, findar com as distinções entre homens e mulheres e fazer com que se unam, encerrando com qualquer separação e competitividade que possa existir entre ambos os sexos. Em contrapartida, temos o discurso pós-moderno, que considera a originalidade e a assimetria dos indivíduos como algo bom e que visa a paz entre os gêneros através do respeito.

A produção intelectual identificada com a pós-modernidade apresenta como alvo principal de crítica a ideia da universalidade que marca o pensamento do esclarecimento. O esclarecimento perceberia a espécie humana como portadora de uma razão universal que modelaria a ordem social na direção do consenso e da estabilidade. Frente a esse discurso que acredita no progresso linear, em verdades absolutas, no planejamento racional de uma ordem social ideal, contrapõe-se o pensamento pós-moderno que privilegia a indeterminação, a fragmentação, a diferença e a heterogeneidade (para usar os termos favoritos) como forças libertadoras na redefinição do discurso cultural (SORJ, 2019, p. 103).

O pensamento pós-moderno auxilia no combate da propensão à globalização das correntes unificadoras e à inflexibilidade que possa existir em nossas falas e nas mesmas. Ao mesmo tempo, a atualidade exige o reconhecimento da teoria que se segue e que as adeptas a essa corrente possuam também as suas próprias convicções, já que a autenticidade é valorizada no lugar de equivaler a humanidade como um só corpo e mente.

Sem pretender prescrever o futuro da teoria e prática feminista, poderíamos concluir que aquelas que permanecem, basicamente, no campo da modernidade poderão encontrar no discurso pós-moderno um poderoso antídoto para as tendências totalizadoras, e até mesmo intolerantes presentes em seu discurso. Por outro lado, as feministas pós-modernas não podem desconhecer que a modernidade como um campo unificado do social, continua presente, demandando um esforço de identificação de denominadores comuns, mas além das afirmações particularistas (SORJ, 2019, p. 106).

As mulheres ao longo dos anos lutaram e ainda continuam pelo direito de igualdade com o sexo masculino e por serem, de fato, donas de sua própria vida, não sendo julgadas por qualquer que seja a sua escolha e para terem os mesmos benefícios que os homens. A partir dos fatos apresentados acima, não podemos negar que foi um grande caminho até o presente momento, diversos direitos foram conquistados e, estudar isso, é ver o quanto cada movimento foi importante.

Recordar esses capítulos fundamentais da luta das mulheres por seus direitos humanos é necessário como um aporte ao diálogo com as novas gerações de feministas, herdeiras desse processo virtuoso de afirmação de direitos nas esferas nacionais e internacionais e que hoje se manifestam pela ampliação da pauta de direitos humanos das mulheres em sua diversidade (PITANGUY, 2019, p. 92).

No próximo capítulo, será analisado de forma sucinta *O conto da aia*, juntamente com aspectos da mesma que se assemelham com a realidade, demonstrando a importância social e verossimilhança da obra para com a sociedade.

5 O CONTO DA AIA: UMA POSSÍVEL REALIDADE?

Neste capítulo, analisarei de forma breve a obra *O Conto da Aia* e o modo como às mulheres são retratadas, com base na cultura patriarcal³ na qual são julgadas, para posteriormente abordarmos acontecimentos que sejam semelhantes tanto no livro, como na vida real.

Na obra, claramente podemos perceber a visão patriarcal, em que os homens comandam a República de Gilead, com o governo desfeito, eles utilizam do Antigo Testamento para refazer as suas leis, confirmando suas atitudes através de uma interpretação ortodoxa e radical da Bíblia. Quem for contra os mandamentos gileadeanos ou for pego cometendo algum crime, segundo suas regras, é morto e posto no muro, com a cabeça tapada por um saco e uma placa simbolizando o pecado cometido. Servindo de exemplo para que futuras infrações não sejam cometidas.

Nós paramos, juntas como se atendendo a um sinal e olhamos para os corpos. Não faz mal se olharmos. Espera-se que olhemos: é para isso que estão lá, pendurados no Muro. Às vezes ficam lá expostos por dias a fio, até chegar um novo lote, de modo que o maior número possível de pessoas tenham a oportunidade de vê-los (ATWOOD, 2017, p. 44).

Os Filhos de Jacó, grupo que implantou esse regime, fizeram a população acreditar que todas as medidas tomadas, tais como: estabelecimentos comerciais fechados, barreiras nas estradas, censura à imprensa, todas as mulheres demitidas de seus empregos, etc., eram o melhor para a população. O medo de um novo ataque terrorista fazia com que todas essas restrições fossem tidas como essenciais, já que “era óbvio que não se podia ser cuidadoso demais” (ATWOOD, 2017, p. 209). Os direitos da população foram retirados gradativamente, principalmente os das mulheres, que não podiam trabalhar e todo o dinheiro e propriedades que tinham foram passados para o marido ou parente homem, até conseguirem isolar totalmente o país e controlarem a população a ponto de fazerem o que quisessem sem medo de repressões pela população.

Foi depois da catástrofe, quando mataram a tiros o presidente e metralharam o Congresso, e o exército declarou um estado de emergência. Na época, atribuíram a culpa aos fanáticos islâmicos. [...] O governo inteiro

³ Patriarcado pode ser entendido como uma instituição social que se caracteriza pela dominação masculina nas sociedades contemporâneas em várias instituições sejam elas políticas, econômicas, sociais ou familiares. É uma forma de valorização do poder dos homens sobre as mulheres que repousa mais nas diferenças culturais presentes nas ideias e práticas que lhe conferem valor e significado que nas diferenças biológicas entre homens e mulheres (MILLET, 1969, p. 58).

massacrado daquela maneira. Como conseguiram entrar, como isso aconteceu? Foi então que suspenderam a Constituição (ATWOOD, 2017, p 208).

No livro encontramos grupos de mulheres, cada uma com sua função, que são as tias, as esposas, as marthas, aias e as econoesposas que são a junção das três últimas. Podemos perceber que cada uma delas é responsável por um papel social atribuído à mulher na sociedade patriarcal.

A obra narra a vida de Offred, uma mulher de 33 anos que se tornou aia na casa de um comandante de prestígio do sistema totalitarista teocrático, denominado República de Gilead, chamado Fred e de sua esposa Serena Joy. A função de uma aia no então regime é o de procriar, já que a família a que foi designada não é capaz. As mulheres que são escolhidas para esta função, normalmente cometeram algum tipo de infração pelo ponto de vista de Gilead. No caso de Offred, cujo nome verdadeiro nunca fora revelado no decorrer da narrativa, era o de ter se casado com um homem que já havia desposado antes e ter sido amante do mesmo, já que após o regime ser implantado, não existia mais separação, então só eram válidos os primeiros casamentos. Ao serem capturadas pelo regime, elas tinham duas opções: serem enviadas para as colônias, lugar destinado às não-mulheres, onde trabalhavam até a morte em situações de grande descaso e em ambientes tóxicos para a vida humana ou, caso fossem férteis, como no caso da personagem principal, poderiam escolher ser aias e, assim, ajudar uma família a ter filhos, já que devido a desastres ambientais e à radiação, grande parte da população se tornou estéril.

O ato era feito através de uma cerimônia, que ocorre uma vez ao mês, sempre no período fértil da mulher. Com preceitos bíblicos, a partir da história de Jacó e Raquel, em que a mesma não podia ter filhos e entregou a sua serva Bilha ao seu marido, para que ela tivesse filhos por meio da mesma, assim acontecia com as aias. Depois de ler a passagem da Bíblia, a aia é levada ao quarto do casal e então deita-se entre as pernas da esposa, enquanto ocorre o ato sexual, para que, assim, ela seja somente uma extensão do corpo da sua senhora, e o filho seja considerado da esposa e não da mesma. Durante o ato não é possível haver toques e olhares entre a aia e o comandante, com o intuito de suspender qualquer possível romance que possa existir entre ambos, já que a ação em si não é considerada traição, mas

qualquer coisa que fuja a isso não é vista com bons olhos. No final da obra nunca descobrimos se de fato Offred conseguiu engravidar ou não.

É a história habitual, as histórias habituais. Deus para Adão, Deus para Noé. Frutificai e multiplicai-vos, enchei abundantemente a terra. Então vem aquele negócio velho e bolorento da Raquel e da Lea que nos martelaram na cabeça no Centro. Dá-me filhos, ou senão eu morro. Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto do teu ventre? E ela lhe disse: Eis aqui a minha serva, Bilha; Entra nela para que tenha filhos sobre os meus joelhos, e eu, assim receba filhos por ela (ATWOOD, 2017, p. 109).

Podemos considerar que privar as mulheres da liberdade de poder trabalhar, não foi somente um ato religioso e sim, uma forma de fazer as mesmas focarem somente em suas vidas domésticas e nos filhos, já que a taxa de nascimento estava baixa, juntamente com a inserção de juízos de valores. Estando em casa, as mulheres poderiam cumprir o que a República considera como seu dever. Mesmo que a culpa pela infertilidade seja na maioria dos casos devido à toxicidade do ambiente, os dirigentes acusavam os empregos das mulheres como principal fonte da redução da taxa de natalidade. “Da maneira como fazemos estão protegidas, podem realizar seus destinos biológicos em paz” (ATWOOD, 2017 p. 261).

As aias eram levadas a acreditar que elas tinham sorte de serem escolhidas para esse propósito, na tentativa de doutriná-las. Nisso, eram levadas a crer que, fazendo isso, aconteceria a redenção de seus pecados, já que as mesmas eram consideradas pecadoras.

As condições de vida foram reduzidas; para aquelas que dentre nós que ainda têm condições. Mas uma cadeira, luz do sol, flores: essas coisas não devem ser descartadas. Estou viva, eu vivo, respiro, estendo minha mão para fora, aberta, para a luz do sol. Estar onde estou não é uma prisão e sim um privilégio, como dizia Tia Lydia, que era apaixonada por ou isto ou aquilo (ATWOOD, 2017, p. 16).

Antes de irem para a casa de seus comandantes, elas passam por um treinamento no centro vermelho, lugar onde são de certa forma catequizadas e orientadas como devem agir, já que tudo é muito novo considerando que antes viviam em um mundo completamente diferente. Seguir as regras é fundamental para a sobrevivência delas. Lá ocorre um tipo de “lavagem cerebral”, onde as fazem acreditar que são pecadoras e que tudo de ruim que aconteceu com elas é culpa delas mesmo. Com isso, existem mulheres que só obedecem para sobreviver e outras que de fato acabam crendo nisso e viram “crentes”.

Não recebíamos as toucas com abas brancas enquanto não nos formássemos, tínhamos apenas os véus; de modo que podíamos falar, desde que o fizéssemos baixinho e não olhássemos uma para a outra. As tias andavam na frente da fila e atrás, de modo que o único perigo eram as outras. Algumas eram crentes e poderiam nos delatar (ATWOOD, 2017, p. 87).

Um grande exemplo de tentativa de culpabilizar a vítima e não o agressor na obra é o caso de Janine, uma das aias, que fez uma revelação durante o testemunho, momento em que as aias confessavam os seus “pecados” e as demais as julgavam a partir dos critérios preestabelecidos por Gilead. Aos 14 anos, Janine foi estuprada por uma gangue e, com isso, ficou grávida e realizou um aborto, procedimento proibido no regime. Ela contou essa história duas vezes, na primeira não percebeu o quanto chocaria as tias e Offred relatou que a mesma até parecia orgulhosa do ocorrido, fato que logo mudou pois foi incitado um ódio tremendo contra a mesma, como se as roupas que ela vestia fossem a causa disso, formando um imaginário de que ela tivesse procurado pelo ocorrido. Com isso, Janine chorou copiosamente e as outras mulheres ao invés de, mesmo que em segredo, se solidarizarem com ela, sentiram desprezo de fato. Na semana seguinte, em que ela foi contar novamente a história, não esperou que as companheiras começassem a insultá-la e rapidamente assumiu a culpa após o relato.

Por um momento, apesar de sabermos o que estava sendo feito com ela, nós a desprezávamos. Bebê chorão. Bebê chorão. Bebê chorão. E falávamos sério, sinceramente o que é pior. Eu costumava me ter em boa conta. Naquele momento eu não me tinha (ATWOOD, 2017, p. 88).

O estupro sempre foi um bom exemplo que as tias davam para mostrar como as aias deveriam se sentir agradecidas por estarem em Gilead e não precisarem mais temer abusos ao sair na rua, porque não havia mais isso lá, o que é irônico já que uma vez por mês elas são abusadas por seus comandantes, mesmo que se tenha dado outro nome ao ato. “Agora andamos pela mesma rua, aos pares de vermelho, e homem nenhum grita obscenidade para nós, fala conosco, toca em nós. Ninguém assobia” (ATWOOD, 2017, p. 36).

O modo como às mulheres se vestem tem um simbolismo especial. Todas usam vestidos compridos, de maneira que menos chame atenção dos homens. Podemos perceber que Gilead está conseguindo enraizar seus mandamentos nelas, que julgar outras mulheres pela forma como se vestem é feito inconscientemente. Há uma cena em que turistas japoneses visitam a República e mulheres com

maquiagem, salto alto e saias mais curtas do que o habitual para elas e que antes do sistema era considerado normal, causa grande estranhamento. “Estamos fascinadas, mas ao mesmo tempo sentimos repulsa. Elas parecem despidas. Foi preciso tão pouco tempo para mudar nossas ideias a respeito de coisas como essa” (ATWOOD, 2017, p. 40).

No caso de Offred, a casa do comandante Fred foi seu terceiro posto, não sendo dados mais detalhes de como eram os demais. Desde o momento que ela chega na casa, a esposa (Serena Joy) já tenta deixar claro explicitamente que é ela quem manda e que ela deve acatar suas regras para que tudo ocorra bem. Mesmo que diversas vezes a personagem principal tenha manifestado o desejo de ser amiga da mesma e a ver como uma figura materna, em quem pudesse confiar.

Então, é você a nova, disse ela. Não deu um passo ao lado para me deixar entrar, apenas ficou parada ali, no vão da porta, bloqueando a entrada. Queria fazer com que eu sentisse que não poderia entrar em sua casa a menos que ela me autorizasse. Há uma disputa de poder, hoje em dia, com relação a detalhes desse tipo (ATWOOD, 2017, p. 22 e 23).

As esposas ao invés de ficarem felizes de as aias proporcionarem a chance de serem mães, ao contrário, alimentam um sentimento de rancor com as mesmas, sentem uma espécie de vergonha por não poderem gerar filhos, por isso a forma como as tratam.

As aias não podem usar mais os seus nomes, sendo designadas agora com o pronome possessivo em inglês “of” que traduzindo para o português brasileiro significa “de”, juntamente com a união do nome do comandante. Ou seja, além de ser tirada a individualidade de cada mulher, elas são tratadas como propriedade dos mesmos, não tendo direito de escolha. “Meu nome não é Offred, tenho outro nome que ninguém usa porque é proibido” (ATWOOD, 2017, p. 103).

É tirado tudo que essas mulheres possuíam, desde suas famílias até sua voz. Elas não podem mais ler, escrever, trabalhar e estudar. Tudo que antes conheciam tem de ser esquecido. As placas dos mercados e lojas não tem mais letreiros e sim imagens, do mesmo modo que as fichas que usam como dinheiro também. Até mesmo quando querem ouvir algum versículo da Bíblia ligam para um número, que lê para elas a passagem que desejam. A única palavra que Offred lê é “fé”, que está bordada em uma das almofadas de Serena Joy, esposa do comandante e que por algum motivo não foi destruída.

A Bíblia é mantida trancada, da mesma maneira como as pessoas antigamente trancavam o chá, para que os criados não o roubassem. É um instrumento incendiário: quem sabe o que fariamos com ela, se puséssemos nossas mãos nela? Podemos ouvi-la lida em voz alta, por ele, mas não podemos ler (ATWOOD, 2017, p. 107).

Gilead é implacável com os pecados cometidos por terceiros, principalmente pelas mulheres. Mas os comandantes vivem realizando atos que são contra o que o regime acredita, com justificativas banais. Um grande exemplo disso é a casa de Jezebel, prostíbulo onde eles vão para escapar da realidade vigente e se dão a esse luxo, simplesmente por serem “homens”.

-É um clube? - pergunto.
 -Bem, é assim que chamamos entre nós. O clube.
 -Pensei que esse tipo de coisa fosse estritamente proibido.
 -Bem, oficialmente, é - diz ele. - Mas, afinal, todo mundo é humano (ATWOOD, 2017, p. 281).

Como podemos perceber ao ler a obra, na República de Gilead o sexo masculino é considerado mais importante que o sexo feminino e são os homens que comandam tudo. A classe mais alta é a dos comandantes, que enquanto decidem o destino de todos, as mulheres são encarregadas de atividades do lar, como cuidar da casa e dos filhos. Passam o tempo cuidando de jardins e tricotando, como no caso de Serena Joy, mulher do comandante Fred. Bem como a cultura patriarcal enxerga a mulher, enquanto a figura masculina se encarrega de prover o sustento da família, a mulher deve permanecer em casa. “Muitas das esposas têm jardins desse tipo, é alguma coisa para organizarem e manter e cuidar, dar as ordens” (ATWOOD, 2017, p. 21).

Os homens não querem que as mulheres possuam poder em Gilead, já que, como é citado na obra, eles não possuíam um papel tão importante quando as mesmas eram livres, levando em consideração que elas não precisavam deles para viver, coisa que mudou com a implementação do regime, visto que agora a mulher precisa exclusivamente do seu marido para a sustentar, a proteger e qualquer outra necessidade básica, sem os homens para o regime, elas não são nada. “- Mas não tolerarei que uma mulher ensine, nem que usurpe a autoridade do homem, apenas que se mantenha em silêncio” (ATWOOD, 2017, p. 262).

Em Gilead cada um tem a sua função e para que não haja confusão, cada grupo tem a cor da vestimenta diferente do outro. As Marthas devem cuidar da casa de seus comandantes, se encarregando de todas as tarefas domésticas, como

cozinhar e limpar a casa. “Ela está com seu vestido habitual de Martha, que é verde desbotado como um traje cirúrgico dos tempos anteriores” (ATWOOD, 2017, p. 18).

As esposas são vistas como a “costela” do homem, assim como a Bíblia diz, ou seja, devem ser submissas aos seus maridos. Se seguirem todas as ordens, elas serão recompensadas com um bebê, coisa que qualquer mulher deve querer no regime, sendo considerada uma grande benção. A cor de suas roupas é azul, que representa a castidade. Podemos perceber o que as esposas sentem pelas aias, com o seguinte trecho, proferido por Offred: “Ela não fala comigo, a menos que não possa evitar. Sou uma vergonha para ela; e uma necessidade” (ATWOOD, 2017, p. 22).

As aias são encarregadas, como dito anteriormente, pela reprodução e vistas como “úteros” ambulantes, já que é a única coisa que importa lá. Mesmo que elas sejam umas das poucas mulheres que podem procriar, não são tratadas como deveriam, sendo consideradas não como pessoas e sim como objetos para alcançar o propósito. Gilead considera que ser mãe seja o destino biológico da mulher, então a mesma só possui importância se puder conceber, considerando o sexo como modo para alcançar o objetivo e não para o prazer, tirando justamente a sexualidade das mulheres. As aias perdem a sua identidade, em prol do cumprimento de seu “dever”. A cor de suas vestimentas é vermelho, assim como o sangue. “Somos úteros de duas pernas, apenas isso: receptáculos sagrados, cálices ambulantes” (ATWOOD, 2017, p 165).

Temos as não-mulheres que são pecadoras segundo a lei de Gilead e não podem ter filhos, perdendo totalmente a serventia, elas são enviadas para as colônias ou para a casa de Jezebel, que são prostíbulos criados com o intuito de liberar a tensão dos homens em posição de comando, no regime. Vivendo nesses lugares até a morte ou até quando estiverem aptas a desenvolverem sua função. “- É necessário cuidar do peso, isso com certeza - ele diz. - Eles são rigorosos quanto a isso. Ganhe cinco quilos e eles te mandam para a Solitária (...)” (ATWOOD, 2017, p. 282).

Outra categoria de mulheres são as tias, que são responsáveis pela doutrinação das aias e de as fazerem se encaixar na nova sociedade, elas são as únicas que podem ler e escrever sem sofrer punições. As tias são mulheres que não podem ter filhos, mas possuem uma vida exemplar segundo os mandamentos de Gilead e por isso merecem esse título. Como o próprio nome diz, elas tentam se

passar por uma figura parental das aias e fazem como se tudo fosse para o bem delas, quando na verdade só as estão menosprezando e julgando conforme preceitos literais da Bíblia. Elas refletem o tradicionalismo religioso da nossa própria sociedade e demonstram como o preconceito em relação ao sexo está fortemente instaurado, como exemplo, a seguinte passagem:

A maneira deplorável e exibida com que as mulheres costumavam se comportar. Passando óleo no corpo como se fossem carne assada num espeto e de costas e ombros nus, na rua, em público, e as pernas, sem nem sequer meias finas a cobri-las, não é de admirar que aquelas coisas costumassem acontecer (ATWOOD, 2017, p. 69).

Como última categoria de mulheres na obra, temos as econoesposas, esposas de homens de classes inferiores e que, portanto, são uma classe mais baixa que as esposas, tendo de fazer tudo sozinhas, desde cuidar da casa, dos filhos caso tenham e de seus maridos. Elas vestem vestidos listrados com as cores vermelho, azul e verde, simbolizando as três tarefas de que são encarregadas.

Há outras mulheres com cestas, algumas vestidas de vermelho, algumas de tom verde opaco das Marthas, algumas com os vestidos listrados, de vermelho, azul e verde ordinários e feitos com pouco tecido, que são típicos das mulheres dos homens mais pobres. (...) Elas têm que fazer tudo; se puderem (ATWOOD, 2017, p. 35).

Os homens também eram divididos em grupos: os comandantes que são os chefes em Gilead, os anjos que desempenham a função de soldados, os guardiões são funcionários dos líderes, temos os olhos que são espiões do governo e outros empregos fundamentais, como por exemplo médicos, todos cargos ocupados pelo sexo masculino.

As mulheres na República de Gilead têm de cumprir uma série de requisitos para assim serem consideradas como tal, devem possuir feminilidade, obedecer aos seus maridos, serem dóceis, cuidar da casa e dos filhos. Conceitos esses estabelecidos devido à cultura patriarcal instaurada, não só em Gilead como também vemos na nossa sociedade, em que muitas pessoas acham que só é merecido o “título” de mulher, se englobarem um pouco de cada uma das mulheres de lá.

Todo mundo concorda que há fêmeas na espécie humana; constituem hoje, como outrora, mais ou menos a metade da humanidade; e, contudo dizem-nos que a feminilidade “corre perigo”; e exortam-nos: “Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres.” Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar

dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade (BEAUVOIR, 2016, p.10).

É possível perceber, com a leitura da obra, que as mulheres de lá não se unem para ajudar umas as outras, a separação por categorias criou uma competição entre elas. Elas não têm medo somente dos homens que são a figura de autoridade, elas possuem medo de suas próprias companheiras e, por isso, não conseguem se unir para enfrentar Gilead, ou seja, elas não se vêem como aliadas e sim como inimigas. “É a incapacidade de determinar a fonte de medo o aspecto mais opressor dessa distopia” (SILVA, 2010, p. 32).

O que deveria gerar um sentimento de empatia de uma para com a outra, já que todas as mulheres passam por opressões, mesmo que de formas diferentes, o sentimento de raiva é muito aflorado entre elas. As aias que deveriam ser consideradas como um segmento do corpo da esposa, são odiadas pelas mesmas. Porque já não basta a vergonha que sentem por não poderem exercer seu papel, ainda tem de compartilhar seu marido com outra, para poderem ser mães. Do outro lado, as aias queriam ter a autonomia mesmo que restrita que as esposas detêm. Gilead depende dos conflitos entre as mulheres que as mantêm separadas e evitam uma rebelião e, assim, continuam no controle. Assim como no mundo real, em que somos ensinadas a concorrer umas com as outras, ao invés de haver sororidade. Indo desde conflitos banais como quem é mais atraente, a coisas grandes como a culpabilização das mulheres, quando elas são as vítimas, em detrimento dos homens. “Tente pensar na situação sob o ponto de vista delas, dizia, as mãos apertadas e torcidas, com seu sorriso nervoso suplicante. Não é fácil para elas” (ATWOOD, 2017, p. 23).

Em divergência com os conceitos acima mencionados, as aias sempre saem em duplas, com o intuito de uma vigiar a outra e, assim, ambas se manterem na “linha”. “A verdade é que ela é minha espiã, e eu sou a dela” (ATWOOD, 2017, p 29).

Vemos em Offred uma divergência em suas atitudes, ao mesmo tempo em que têm ações que são contra as regras de Gilead, como por exemplo furtar manteiga para manter a pele hidratada, pensar em sua vida passada (em sua liberdade, seu trabalho, no seu marido Luke e sua filha), o caso secreto com o motorista Nick, ir para a sala do comandante às escondidas (onde lê e faz outras atividades proibidas) e até mesmo a casa de Jezebel, ela reproduz muitas das ações

esperadas pelo sistema. Vemos em Offred o desejo de sobreviver e não de rebelar-se, embora ela tenha realizado ações que vão contra o que a República prega, ela só desejava se salvar e ver novamente a sua filha, que foi pega pelo regime, pautando-se em valores familiares e não na militância.

Meu Deus, penso, farei qualquer coisa que quiseres. Agora que me deixaste escapar impune, eu me anularei, se é o que realmente queres; esvaziarei a mim mesma, verdadeiramente, tornar-me-ei um cálice. [...] pararei de reclamar, aceitarei meu destino. Eu me sacrificarei. Eu me arrependerei. Abdicarei. Renunciarei. [...] Quero continuar vivendo de qualquer forma que seja. Renuncio a meu corpo voluntariamente para submetê-lo ao uso de outros. Eles podem fazer o que quiserem comigo. Sou abjeta. Sinto, pela primeira vez, o verdadeiro poder deles (ATWOOD, 2017, p. 337 e 338).

O comandante tem gestos de gentileza com Offred, o que faz com que seus comportamentos abusivos sejam de certa forma desconsiderados pela mesma e podemos perceber isso como por exemplo, a ida a casa de Jezebel, onde a mesma foi estuprada por Fred e mesmo sentindo vontade de parar com aquilo, sabia que não poderia e tentava justificar dizendo que ele não era uma má pessoa. A mesma coisa acontece em relacionamentos abusivos da nossa sociedade, onde as mulheres são agredidas, mas não deixam de seus maridos por dizerem que são bons companheiros e pais. “Enfim sós, penso. O fato é que não quero estar sozinha com ele, não numa cama. Preferia ter Serena presente também. Preferia jogar mexe-mexe” (ATWOOD, 2017, p. 302).

Contrária a tudo que Gilead representa, temos a mãe de Offred, a qual podemos ver a partir das lembranças da mesma, como afrontou tudo o que o regime acreditava, sendo uma feminista com orgulho e terminou indo para uma das colônias. Temos também a amiga da sua vida passada, Moira, que conseguiu escapar do centro vermelho, mas foi pega e levada para a casa de Jezebel. E por fim, Ofglen, a companheira de compras de Offred, que também tem um final triste, ela comete suicídio quando encontram evidências que a mesma faz parte da Mayday (resistência) de Gilead. Todas possuem um final trágico e são exemplos do que acontece com quem vai contra as leis de Gilead.

Aqui está o que eu gostaria de contar. Gostaria de contar uma história sobre como Moira escapou, para sempre dessa vez. Ou se não pudesse contar isso, gostaria de dizer que ela explodiu a Casa de Jezebel, com cinquenta Comandantes dentro. Gostaria que ela acabasse com alguma coisa ousada e espetacular, um ultraje, algo que fosse adequado para ela. Mas até onde

sei, isso não aconteceu, porque nunca mais voltei a vê-la (ATWOOD, 2017, p 297).

Não podemos considerar Offred como uma personagem feminista, porque a mesma ao se apaixonar por Nick decide assumir as consequências a perder o amado, mesmo que antes de conhecê-lo o seu desejo maior tenha sido continuar viva. Ela demonstra uma visão romântica do mundo e podemos perceber isso como na cena em que ela diz ao comandante que o que falta em Gilead é o amor.

Agora, diga-me. Você é uma pessoa inteligente, gosto de ouvir o que pensa. O que foi que deixamos de levar em conta?
Amor, respondi.
Amor?, disse o Comandante. Que tipo de amor?
Se apaixonar, disse eu (ATWOOD, 2017, p. 261).

No desfecho da obra, Offred é levada por uma caminhonete preta, que costuma levar quem infringe a lei. Quando ela vê que os homens estão indo buscá-la, Nick entra em seu quarto dizendo que era para ela se acalmar, que não era o governo e sim a Mayday, tornando-se assim, o salvador dela. “Se isto é o meu fim ou um novo começo não tenho nenhum meio de saber: eu me entregarei às mãos de desconhecidos; porque não há outro jeito” (ATWOOD, 2017, p. 347).

É importante ressaltar que *O conto da aia* é um romance narrado em primeira pessoa, ou seja, narrador autodiegético. Offred além de ser a personagem principal, narra à história a partir de seu ponto de vista. Só sabemos dos fatos que ela presenciou e dos que quer que saibamos, por isso, esse tipo de narrativa não costuma ser muito confiável e podemos duvidar se determinadas cenas e ações aconteceram conforme a mesma narrou ou de forma diferente, já que é relatado conforme a visão dela sobre os acontecimentos e a partir do que ela sentiu, podendo existir brechas.

No final do livro, encontramos um capítulo denominado “Notas históricas”, que mostra que o romance é uma junção de 30 fitas gravadas pela personagem principal depois de ser libertada do regime. Sendo as mesmas discutidas em uma conferência, no ano de 2195, que se dedica a analisar a República de Gilead. É revelado que não se sabe ao certo o que aconteceu com Offred, podendo a mesma ter escapado e fugido para outro país ou ter sido encontrada e sofrido punições, como ser morta ou ir para a casa de Jezebel. Também descobrimos com a leitura que a autora das fitas usou nomes fictícios para pessoas que são citadas na história, para assim proteger sua identidade. Por isso, não se sabe ao certo quem foi Offred e

nem quem era seu comandante, mesmo que haja hipóteses. Eles sugerem que ela pode não ter levado as fitas consigo caso tenha fugido para outro país, por medo de seu marido estar vivo, devido ao caso com Nick ou até mesmo para proteger sua família, já que houve casos de pessoas que conseguiram escapar, mas seus parentes não e, com isso, enviaram partes do corpo dessas pessoas pelo correio, como forma de intimidação.

A apresentação do seminário é feita por um professor da universidade em que estão reunidos, denominado Pieixoto, que a todo o momento faz brincadeiras com as questões abordadas e levando em consideração como quem está assistindo reage, com risos e aplausos, podemos perceber que embora Gilead não esteja mais no comando, ainda reina uma sociedade machista.

Sabemos que aquela cidade era uma proeminente estação intermediária do que a autora se refere como “A Rota Clandestina Feminina”, desde então apelidada por alguns de nossos trocistas históricos de “A Rota do Sexo Frágil” (risos, resmungos.) Por esse motivo, nossa associação dedicou-lhe um interesse muito especial (ATWOOD, 2017, p. 353).

É importante ressaltar que as fitas gravadas por Offred foram restauradas por duas pessoas do sexo masculino, o professor Pieixoto e Wade, que podem ter modificado em parte a história contada ou não ter dado o devido valor a algo que possam ter considerado banal, por estar fora do que está sendo estudado, nos faz reanalisar tudo que já havíamos lido. Ainda mais tendo em mente, os caracteres machistas de ambos e como tentam justificar Gilead. Com isso, há um afastamento da personagem principal, já que desde o início acreditávamos que era ela que narrava o romance e por não sabermos se os homens que transcreveram as fitas, fizeram conforme foram encontradas ou deixaram passar algumas coisas, por não considerarem tão relevantes. Podendo ser também uma forma de sedução do leitor e fazer com que o mesmo leia novamente a obra, só que com um novo olhar acerca da narrativa, dessa vez mais avaliativo, por fazer com que seja reanalisado tudo que havia sido imaginado sobre a obra.

Aqui, peço licença para fazer um aparte editorial, permitam-me dizer que, em minha opinião devemos ser cautelosos ao fazer um julgamento moral sobre a sociedade gileadeana. Sem dúvida já aprendemos a esta altura que tais julgamentos são por necessidade específicos de cultura. Além disso, a sociedade gileadeana estava submetida a grandes pressões de caráter demográfico e outros, e estava sujeita a fatores dos quais nós felizmente estamos mais livres. Nosso trabalho não é censurar e sim compreender. (Aplausos.) (ATWOOD, 2017, p. 355).

Dois homens apoderaram-se de uma das coisas mais importantes que uma mulher pode possuir que é a sua voz, ou seja, quem tem o controle da narrativa é o gênero masculino, mesmo que ao longo de toda história fôssemos levados a acreditar que o domínio pertencesse a uma mulher (Offred). A mesma coisa que Gilead fez com as aias, marthas, esposas e todas as demais classes de mulheres. Podemos trazer esse exemplo para a vida real, onde homens tentam julgar acontecimentos vivenciados por mulheres, mas que eles de fato nunca poderão entender.

O totalitarismo é uma forte presença na obra em questão, em que o governo utiliza de seu poder para oprimir e controlar a vida da população, para evitar que saiam da “linha” e assim, não percam o domínio sobre a mesma. Podemos encontrar outras características totalitárias, tais como:

- A utilização de propaganda para manipular os gileadeanos: temos como exemplo o Centro Vermelho, que divulga diversas propagandas, como forma de doutrinar as aias e fazê-las acreditar no que querem;
- Desigualdade social: é claro, com a leitura da obra, que Gilead é uma hierarquia, separada por castas e somente os comandantes possuem poder. Outro exemplo de desigualdade são as econoesposas, que não tem os mesmos direitos que as esposas dos comandantes têm e a forma em geral como o sexo feminino é visto, considerado inferior ao homem;
- Pouca informação: a população praticamente não tem acesso à informação e quando tem é controlada, ou seja, divulga-se o que o governo deseja que saibam;
- Falta de individualidade: um grande exemplo de perda da individualidade são as aias, que deixam até seus nomes, para cumprir o propósito imposto pela República, que no caso delas é ter filhos.
- Injustiça: quando alguém faz algo que vai contra o que Gilead acredita, é severamente punido, com exceção dos comandantes que podem fazer o que quiserem e um exemplo disso é a Casa de Jezebel, que vai contra tudo que pregam, mas mesmo assim, eles a frequentam.
- Vigilância: na República de Gilead, os moradores são observados a todo o momento, tendo até mesmo uma polícia secreta, encarregada

de controlar o que a população faz e, caso veja algo de errado, deve instantaneamente relatar, ou seja, todos são obrigados a seguir a lei, já que qualquer um pode ser um olho, como são chamados.

- Cenário hostil: afeta as castas inferiores, até mesmo o sexo masculino, mesmo que sejam as mulheres que mais sofrem com isso. Vivem em um ambiente de opressão, em que qualquer ato que fuja ao esperado, é cruelmente punido. Devemos levar em questão a pressão psicológica que é exercida sobre as mesmas, aumentando ainda mais o ambiente de tensão.
- Medo e terror: o regime utilizou do medo e terror que a população tinha dos ataques que ocorreram antes de subirem ao poder, para implementarem o Estado Teocrático, como uma solução temporária dos problemas que foram causados por eles mesmos, sem que o povo soubesse, e após a implementação, continuaram usando da mesma estratégia, para evitar que a população se rebelasse.

Podemos pensar na distopia de *O Conto da Aia*, como um modo de apontar os erros cometidos pela nossa sociedade, a respeito da desigualdade dos gêneros masculino e feminino, embora diversas mudanças tenham acontecido ao longo dos anos, ainda predomina a mentalidade machista. A obra apresenta, através da República de Gilead, uma população com diversos problemas, que convive diariamente com a opressão de um governo totalitário, com a falta de liberdade e o controle de suas vidas, através das autoridades vigentes. Diante de todos os fatos analisados, podemos concluir que a narrativa exerce sua finalidade distópica, de pensar em um “amanhã” embasado em uma interpretação negativa do presente e ainda nos propõe observar e analisar a nossa sociedade atual, ao mesmo tempo em que pensamos acerca de nossas ações passadas, presentes e futuras.

5.1 A verossimilhança da obra para com a realidade

Visto que “a narrativa distópica não se configura, deste modo, apenas como visão futurista ou ficção, mas também como uma previsão a qual é preciso combater no presente” (HILÁRIO, 2013, p. 206), propomos que este capítulo seja dedicado a aspectos que sejam semelhantes tanto na obra *O Conto da Aia*, quanto na realidade que nos circunda. De modo que possamos pensar nos acontecimentos retratados como um aviso, para que evitemos que aconteça algo similar com a nossa sociedade.

Segundo Aristóteles, em sua obra denominada *Poética*, com a primeira edição datada de 335 a.C. aproximadamente, a narrativa, assim como qualquer forma artística é uma imitação da realidade que a circunda. Que tem como diferencial os meios, objetos e modo de imitação.

Pois tal como há os que imitam muitas coisas, exprimindo-se com cores e figuras (por arte ou por costume), assim acontece nas sobreditas artes: na verdade, todas elas imitam o ritmo, a linguagem e a harmonia, usando estes elementos separada ou conjuntamente (ARISTÓTELES, 2020, p. 10).
Consiste, pois, a imitação nestas três diferenças, como ao princípio dissemos - a saber: segundo os meios, os objetos e o modo (ARISTÓTELES, 2020, p. 11).

Podemos interpretar com o trecho acima, que a autora Margaret Atwood, recorre à obra *O Conto da Aia*, como forma de representar a sociedade à nossa volta, utilizando de características específicas do romance distópico para imitar a nossa realidade.

Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postos em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa) - diferem, sim, em que diz um as coisas sucederem, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e está o particular (ARISTÓTELES, 2020, p. 19).

Retomando o que foi dito no subcapítulo 2.1, a própria autora afirmou que qualquer ato colocado na obra não foi inventado e sim baseado em algum momento da história. Podemos considerar que a obra se faz atual, mesmo que tenha sido escrita há anos, vemos um pouco da República de Gilead, na vida real.

Segundo Margaret Atwood, ela experimentou o sentimento de ser observada em sua visita a certos países da Europa, o que inspirou sua escrita e a fez colocar essa experiência em sua obra.

Todos os domingos, a Força Aérea da Alemanha Oriental fazia estrondos sônicos para nos lembrar de quão próximos eles estavam. Durante minhas visitas a vários países atrás da Cortina de Ferro - Tchecoslováquia, Alemanha Oriental - experimentei a cautela, a sensação de estar sendo espionada, os silêncios, as mudanças de assunto, as maneiras oblíquas pelas quais as pessoas podem transmitir informações, e isso teve um efeito e influência sobre o que eu estava escrevendo (ATWOOD, What 'The Handmaid's Tale' Means in the Age of Trump, 2017, tradução nossa).

A mesma também se baseou na passagem da Bíblia acerca de Jacó e suas mulheres, assim como é citado na obra. “O precedente bíblico é a história de Jacó e suas duas esposas, Raquel e Lia, e suas duas servas. Um homem, quatro mulheres, 12 filhos – mas as aias não podiam reivindicar os filhos. Pertenciam às respectivas esposas”. Podemos ver algo similar em algumas culturas estrangeiras, como em países mulçumanos, em que os filhos pertencem ao marido e, em caso de separação, é com os mesmos que ficam. Podemos ver nesses países, também, a preferência em ter um filho homem, em que o mesmo é considerado superior a mulher, já que o sexo masculino assume a posição de chefe de família, caso o pai morra.

As vestimentas usadas em Gilead foram baseadas em preceitos religiosos, como a própria autora ressaltou:

Os trajes de modéstia usados pelas mulheres de Gileade são derivados da iconografia religiosa ocidental — as Esposas vestem o azul da pureza, da Virgem Maria; as Servas vestem vermelho, do sangue do parto, mas também de Maria Madalena. Além disso, o vermelho é mais fácil de ver se você estiver fugindo. As esposas dos homens mais baixos na escala social são chamadas de Econoesposas e usam listras (ATWOOD, What 'The Handmaid's Tale' Means in the Age of Trump, 2017, tradução nossa).

O preconceito acerca de como as mulheres se vestem não é algo que está presente somente na obra. Podemos ver o mesmo claramente em nossa sociedade, onde espera-se que uma mulher "decente" vista roupas adequadas, que não sejam curtas, não contenham decotes e não chamem a atenção de olhares masculinos e caso atraíam, a culpa é da mulher que ao usar essas vestimentas pediu para ser assediada, e não do homem que não pode se conter.

Podemos considerar como verdadeira a afirmação de que *O Conto da Aia* foi embasado em acontecimentos reais e esses foram só alguns exemplos.

Tantas vertentes diferentes alimentavam “The Handmaid's Tale” – execuções em grupo, leis suntuárias, queima de livros, o programa Lebensborn da SS e o roubo de crianças dos generais argentinos, a história da escravidão, a história da poligamia americana. . . a lista é longa (ATWOOD, What ‘The Handmaid’s Tale’ Means in the Age of Trump, 2017, tradução nossa).

O cenário americano atual tem sido motivo de grande preocupação para a democracia e a liberdade conquistada através de anos, destacando que não é só o passado que possui similaridades com a obra, mas também a atualidade. Como Atwood destaca:

Na esteira da recente eleição americana, os medos e ansiedades proliferam. As liberdades civis básicas são vistas como ameaçadas, juntamente com muitos dos direitos das mulheres conquistados nas últimas décadas e, de fato, nos últimos séculos. Neste clima de divisão, em que o ódio a muitos grupos parece aumentar e o desprezo pelas instituições democráticas está sendo expresso por extremistas de todos os matizes, é certo que alguém, em algum lugar - muitos, eu acho - está escrevendo o que está acontecendo como eles mesmos estão experimentando. Ou eles vão lembrar e gravar mais tarde, se puderem (ATWOOD, What ‘The Handmaid’s Tale’ Means in the Age of Trump, 2017, tradução nossa).

A obra demonstra que devemos estar sempre em alerta e que, ao menor sinal, os nossos direitos podem ser retirados, porque não importa o quanto avançamos, sempre haverá pessoas conservadoras e que não se conformam com as mudanças. Todos os acontecimentos que ocorrem no livro são muito intensos, mas tudo que vemos na obra ocorre em realidades distintas e que muitas vezes não sabemos ou fingimos não saber. Como exemplos os países árabes, em que as mulheres são proibidas de dirigir e até de estudar sem a permissão do marido, coisas fundamentais e normais para nós brasileiros. Tudo isso, devido à cultura patriarcal instaurada, que coloca os homens em situações hierarquicamente superiores às mulheres, dando plenos poderes para fazerem o que acreditam ser melhor para as mesmas, sem as considerar. São coisas que podem estar longe da realidade do Brasil, por exemplo, mas que acontecem e as vozes dessas mulheres são caladas e não há quem as defenda, já que até a política do país incentiva a isso. *O Conto da Aia* aborda situações dolorosas, mas que precisamos ler para entendermos o que passam milhares de mulheres ao redor do mundo, sendo um demonstrativo do quanto o machismo ainda está presente na nossa sociedade.

Do livro à realidade, recentemente o congresso dos Estados Unidos sofreu um ataque com o intuito de acabar com a democracia. No dia 6 de janeiro de 2021 o Capitólio dos Estados Unidos foi invadido com a intenção de revogar o resultado das eleições que fornecia a vitória a Joe Biden, com a alegação de que a eleição havia sido fraudada, instigados pelo ex-presidente Donald Trump, que não aceitou a derrota. O incidente acarretou em cinco mortes e várias pessoas feridas. O que Trump tentou fazer foi um golpe de Estado, assim como na obra *O Conto da Aia*, se ele realmente conseguisse, situações muito parecidas poderiam acontecer na realidade, ainda mais com o histórico do mesmo.

Em pleno século XXI com grandes avanços em todas as áreas, o conservadorismo ainda reina e um exemplo disso é a forma como votamos, em urna eletrônica, estando avançados nisso até em relação aos EUA, onde a votação ocorre em papel e leva dias para serem concluídas as contagens dos votos. O atual presidente da República nega-se a aceitar que as próximas eleições sejam por meio da mesma e está tentando convencer de que seja feita por papéis, pois pela urna há risco de fraude (sendo que ele foi eleito assim), acabando com o progresso e, assim, fazendo a sociedade retroceder. Nas eleições em que Trump concorreu, o mesmo queria também mudar a forma de votação por dizer que havia fraude. Podemos assemelhar essas tendências ao totalitarismo, onde pessoas não satisfeitas com a democracia tentam impedir o progresso para continuarem com o poder.

Atualmente está acontecendo uma normalização dos casos de violência e a tentativa de culpabilizar as vítimas. Podemos exemplificar isso a partir de dois casos que tomaram a mídia. O primeiro ocorreu no ano passado (2020), que foi o caso da Mariana Ferrer, que foi dopada e estuprada e, mesmo comprovando o ato, foi ridicularizada em pleno julgamento. O segundo caso aconteceu recentemente e foi com Pamella Hollanda, esposa do Dj Ivis, que foi agredida na gravidez e após sua filha nascer e mesmo ela fornecendo diversas provas, como as câmeras gravando os momentos das agressões, ele tentou se justificar dizendo que ela as provocava.

Outros exemplos de aspectos que são tratados na obra e encontramos também na nossa própria sociedade:

- **Concepção forçada:** assim como ocorre na obra, em que as aias são obrigadas a terem filhos para seus comandantes e respectivas esposas, em diversos momentos e até mesmo hoje muitas mulheres são coagidas a serem mães, com o discurso de que só assim irão se sentir completas.
- **Esterilidade:** o declínio populacional vem aumentando ao longo dos anos, principalmente se compararmos com os anos anteriores a 1970, em que a média era de aproximadamente quatro filhos por família, enquanto agora caiu praticamente pela metade, em que a maioria das mulheres opta por ter entre um ou dois filhos. Era muito comum antigamente vermos famílias grandes, algumas chegando a ter mais de dez filhos, coisas que eram consideradas como comuns, hoje são praticamente inexistentes.
- **Desaparecimentos de crianças:** os raptos de crianças e bebês, que desapareceram inexplicavelmente e nunca foram encontrados, são histórias que escutamos há muitos anos, sendo possivelmente vendidos para famílias ricas e que não poderiam conceber.
- **Desgaste ambiental:** a cada dia que passa, o nosso planeta está mais degradado, devido a ação humana que desmata, joga lixo em qualquer lugar e tantos outros motivos, que impactam negativamente o meio ambiente. Podemos perceber os efeitos causados, como por exemplo, na elevação das temperaturas a cada ano que passa.

Atualmente no país, a Bancada Evangélica vem crescendo no Congresso, desde que o atual Presidente da República (Jair Messias Bolsonaro) foi eleito. Mesmo que declaradamente o Brasil seja um Estado laico, ou seja, cada um tem o direito de escolher se deseja seguir uma religião, independente de qual seja, sem julgamentos. Com os mesmos subindo ao poder, é praticamente impossível que não coloquem suas crenças em prática, deixando assim, a neutralidade do mesmo. O *Conto da Aia* é um grande exemplo do que acontece quando um Estado deixa de ser laico e adota uma religião, já que consideram aquilo em que acreditam uma verdade universal e, portanto a única, eles tentam trazer seus ideais, sem importar-se com o que os demais acreditam. Podemos destacar como exemplo, o Projeto de Lei 434/21, que propõe impedir que as mulheres realizassem abortos, até mesmo

quando a criança fosse fruto de um estupro, que atualmente é regido por lei. Podemos perceber que sempre quando princípios religiosos são estabelecidos, as maiores prejudicadas são as mulheres, que perdem o direito de escolha e são na maioria das vezes vistas como vilãs, por simplesmente realizar atos assegurados pelo Estado. Assim como na obra, em que Gilead tem o poder de decidir sobre o corpo da mulher, onde a mesma não pode optar acerca do que considera melhor para si. Por isso, devemos estar sempre atentos ao que acontece à nossa volta. “Nada muda instantaneamente: numa banheira que se aquece gradualmente você seria fervida até a morte antes de se dar conta” (ATWOOD, 2017, p. 71).

Como visto anteriormente, as mulheres na obra são divididas em castas, cada qual com a sua função. Na vida real, as mulheres desempenham papéis tais como as marthas, as esposas e aias. Elas cuidam da casa, do marido, dos filhos e ainda trabalham, devendo conciliar muitas das vezes todas essas tarefas sozinhas, sem uma rede de apoio, que é crucial. Em razão disso, o mercado de trabalho prefere contratar homens ao invés das mulheres, já que mesmo que eles também sejam casados e tenham filhos, a responsabilidade é jogada toda para a figura feminina, que deixa de lado a mulher que é, ou seja, seus desejos e vontades, para assumir os papéis sociais construídos para as mesmas e quando elas tentam fugir disso, são julgadas pela sociedade, que prega que só é possível ser feliz se tiver tudo isso.

A violência doméstica abordada na obra também é muito vista na vida real, principalmente com a pandemia do Covid-19 que estamos vivenciando, em que as mulheres ficam confinadas com seus maridos em casa, em um ambiente de estresse muito maior que o usual, as brigas ficam mais constantes e, com isso, os homens descontam suas frustrações em suas esposas. Com o confinamento, as mulheres não tinham como escapar de seus ofensores, ainda mais se levarmos em conta que ficam longe de suas famílias e amigos por conta do vírus, não tendo a quem recorrer.

Os setores em que os homens detêm preferência em relação às mulheres são vários e podemos destacar:

- O ambiente de trabalho: muitas vezes os homens ganham mais que as mulheres, mesmo que ocupando o mesmo cargo, embora as mesmas tenham mais escolaridade e experiência;
- Desigualdade entre os gêneros: existem diferenças sociais entre os dois gêneros e isso é inegável. Em razão disso, o homem é visto como superior à

mulher, em que o mesmo pode fazer o que tiver vontade, enquanto ela não. Há um estigma de que a mulher deve saber se portar, se não ficará mal vista.

- O homem como o sexo mais forte: temos também aquela velha discriminação, que considera a mulher como o sexo frágil, enquanto o sexo masculino é visto como o protetor. Os homens são considerados mais fortes, vistos como os provedores da família, enquanto a mulher deve continuar em casa e ainda tem seu trabalho desmerecido.
- Diferença entre as oportunidades: os homens possuem mais chances de crescer profissionalmente, onde o sexo feminino na maioria das vezes deve se esforçar em dobro para conseguir chegar ao cargo dos sonhos, mesmo que seja comprovado que existem mais mulheres com ensino superior que o sexo masculino.
- Os homens são considerados líderes natos: falando em cargos de liderança, as mulheres ocupam menos empregos de autoridade que os homens, que detêm os cargos de mais prestígio.
- Estilização: até mesmo antes do nascimento são definidas cores e vestimentas que cada sexo deve usar. A menina veste rosa, o menino azul, brincamos de boneca, enquanto eles de carros, desde cedo já temos pré-definidos os conceitos impostos pela cultura machista.
- Sexualidade: falando de relações, enquanto os homens podem explorar sua sexualidade, uma pessoa do sexo feminino que já ficou com vários homens não é considerada para casar. Além de serem objetificadas, não passando de simples corpos para alguns homens, elas são abusadas e assediadas. O feminicídio é um exemplo disso e vem ganhando repercussão cada vez mais, em que muitas vezes as mulheres são mortas só por não quererem mais continuar em um relacionamento.

Não poderia deixar de falar sobre o grupo Islâmico denominado Talibã, que recentemente ganhou os holofotes e causou um grande terror mundial. A facção recentemente voltou a assumir o poder no Afeganistão, com o regime fundamentalista islâmico, sendo radical e adotando uma formação discursiva extremista da lei que as rege (*sharia*). Na primeira vez em que governou o país, vinte anos atrás (1996), proibiu as mulheres de trabalharem e estudarem. A volta dos mesmos demonstra o quanto as coisas podem mudar e de uma hora para a outra

podemos retroceder, assim como o que acontece na obra *O Conto da Aia*. A retomada da liderança causou preocupação a todos, especialmente no sexo feminino, que não sabia o que seria do mesmo, já que o grupo tem um histórico de violação dos direitos humanos. Os atuais líderes tentaram ganhar simpatia e apoiadores, com o argumento de que dessa vez seria diferente e que as mulheres teriam direito de escolha, diferentemente da primeira vez, na tentativa de interpelar as pessoas a aceitarem melhor o regime e, com isso, receber apoio financeiro dos outros países. Os líderes sabem que a sociedade já não é mais a mesma e não conseguirão se manter no poder com o discurso machista, em que a figura feminina não pode ter a liberdade de decisão, já que tudo lá é comandado por eles, usando o artifício religioso como forma de proibirem as pessoas de terem livre arbítrio; esta é outra similaridade com a obra. Usam a figura feminina como propaganda para alcançarem seus objetivos, quando na verdade não passa apenas de uma jogada de *marketing* e que nada mudou, eles apenas adotaram um discurso politicamente correto, na tentativa de uma maior aceitação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood, aborda temas de grande importância para a sociedade, tais como: fanatismo religioso, problemas ambientais e perseguição às mulheres. Temas esses que constituem uma grande preocupação em relação ao futuro de todos, nos faz refletir sobre como estaremos daqui a alguns anos e temer um futuro parecido com a sociedade fictícia de Gileade, demonstrando ainda a atualidade da obra, mesmo tendo sido escrita a sua primeira edição em 1985.

No primeiro capítulo, trouxemos um pouco da história da autora Margaret Atwood, juntamente com algumas de suas obras, principalmente *O Conto da Aia*, como forma de percebermos os eventos na vida da autora que antecedem a criação do livro em questão.

No segundo capítulo, abordamos a definição de distopia, aproximando com o conceito de totalitarismo, ambos importantes para o entendimento de como a obra é estruturada e quais as concepções presentes na narrativa.

No terceiro capítulo, apresentamos um breve histórico da luta feminista brasileira, que se fez importante para que entendêssemos as ações que antecederam a mesma, e assim, fosse possível compreender como a situação que diz respeito às mulheres se encontra na atualidade.

No quarto e último capítulo, analisamos a obra *O Conto da Aia*, unindo todos os conceitos mencionados acima, juntamente com o de verossimilhança e como a mesma se faz presente na atualidade.

A narrativa ganhou visibilidade em razão da série televisiva que é baseada na mesma, mas seu sucesso deu-se devida a representatividade presente em relação ao sexo feminino, em que muitas mulheres se sentiram representadas e utilizam do livro para reforçar os motivos de sua luta: um mundo igualitário de fato, em que todos tenham os mesmos direitos e deveres, em que a figura feminina não seja discriminada, menosprezada, abusada e ridicularizada pelo simples fato de não ter nascido homem. Um país onde todos possam ter as mesmas oportunidades, salários

iguais, onde não é preciso ter medo ao sair desacompanhada e, principalmente, que sejam respeitadas.

Respondendo às perguntas feitas na Introdução desta pesquisa: De certa forma, já não estamos na nossa própria “Gilead” e se não, estamos nos encaminhando para ela? Os direitos das mulheres estão protegidos ou há chance de retrocesso; devemos estar em constante vigília? Pode uma obra literária aproximar-se a tal ponto de uma realidade imaginada? Embora as mulheres tenham conquistado diversos direitos ao longo dos anos, eles podem ser retirados a qualquer momento e tudo voltar a ser como antes ou até pior, assim como acontece na obra?

Podemos, sim, ver através da República de Gilead a nossa própria civilização, por isso conseguimos, ao longo deste trabalho, trazer tantos exemplos de semelhanças entre a ficção e a realidade, o que de certa forma nos assusta e nos faz pensar se estamos vivendo a nossa própria distopia. Num mundo em que se espera que com os avanços tecnológicos as coisas melhorem cada vez mais e que as situações do passado nunca voltem a acontecer, ao ligarmos a televisão, rádio ou olharmos nossas redes sociais, presenciamos cenas e casos de violência contra a mulher. Por isso, a sociedade deve estar sempre atenta, porque de uma hora para outra pessoas com mentalidades retrógradadas podem subir ao poder e retirar todos os direitos conquistados através de muita luta.

A cultura patriarcal ainda é dominante em nossa sociedade; embora dia após dia lutemos contra isso, ainda existem milhares de pessoas que acreditam que a mulher deve ter menos direitos que os homens e que o sexo masculino deve comandar os ambientes sociais e também dentro de casa, cabendo a mulher o papel de ser subordinada ao marido, cumprindo uma lista de requisitos convencionais que são necessários para ser considerada como tal. Enquanto desde sempre os homens possuíam vida social ativa, as mulheres ficavam em casa, cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos. Diante de anos de atraso em relação aos homens, podemos concluir que o machismo presente em nossa sociedade impede os avanços femininos.

A obra nos faz refletir acerca de questões nas quais podemos nunca ter pensado, trazendo questionamentos e manifestando em nós o interesse de começar a entender mais sobre o movimento feminista e a política. Chego à conclusão de que

a única forma de evitarmos algo parecido é tendo conhecimento das situações à nossa volta e, principalmente, nunca pararmos de lutar pelos nossos direitos e objetivos.

Saliento a importância da obra e de tudo o que ela abrange para os leitores. Por esse motivo, escolhi o livro em questão para realizar meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), devido a tantos aspectos em que o mesmo se assemelha à realidade e pelo quanto ele é representativo na luta feminina, sendo um demonstrativo do quanto o machismo ainda está presente na nossa sociedade. A obra possui pertinência e valor socialmente, sobretudo com a elevação dos casos de violência contra o sexo feminino e a normalização dos mesmos.

Para concluir e reiterar a importância da mesma, cito a frase de Simone de Beauvoir “Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida.” (BEAUVOIR, 1949, p. 29).

REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo: o ponto de vista marxista**. São Paulo: Nobel, 1986.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Lebooks Editora, 2020.

ATWOOD, Margaret. **Em outros mundos: SF e a imaginação humana**. Tradução Paula Bastos de Lima. Estados Unidos: Anchor, 2012. Título original: In Other Worlds: SF and the Human Imagination.

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Tradução Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ATWOOD, Margaret. O que 'o conto da aia' significa na era de Trump. **The New York Times**, [Estados Unidos], 10 mar. 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/03/10/books/review/margaret-atwood-handmaids-tale-age-of-trump.html>. Acesso em: 31 ago. 2021. Título original: What 'The Handmaid's Tale' Means in the Age of Trump.

AZEVEDO, Taiana Teixeira. **Das utopias às distopias: o reflexo da idealização utópica em distopias literárias e o diálogo com o totalitarismo**. Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Maria Britto Corrêa. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Português/Inglês e Respectivas Literaturas) - Universidade Federal do Pampa, Curso de Licenciatura em Letras - Português/Inglês e Respectivas Literaturas, Bagé, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução Sérgio Milliet. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020. 1 v.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução Sérgio Milliet. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020. 2 v.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. **Utopias e distopias na modernidade: educadores em diálogo com T. Morus, F. Bacon, J. Bentham, A. Huxley e G. Orwell**. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. **Utopia, distopia e história**. Revista Morus – Utopia e Renascimento, n. 2, p. 4-10, 2005. Disponível em: http://www.unicamp.br/~berriel/arquivos/berriel_prod_3.pdf. Acesso em: 20 dez. 2021.

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CHASIN, José. **Sobre o conceito de totalitarismo**. Verinotio - revista on-line de filosofia e ciências humanas. n. 15, Ano VIII, ago./2012 – Publicação semestral. Disponível em: <http://www.verinotio.org/conteudo/0.86711455403558.pdf>. Acesso em 01 jan. 2022.

COUTINHO, Andreia. **Ficção científica**: narrativa do mundo contemporâneo. **Revista de Letras**, Brasília, DF, fev. 2008. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/27>. Acesso em: 15 set. 2021.

COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. **Tecendo por trás dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**: trajetórias e diálogos. [s.l.], 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/6fB3CFy89Kx6wLpwCwKnqfS/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 dez. 2021.

GUIMARÃES, Leonam dos Santos. **O medo nuclear**. Defesanet, 2016. Disponível em: <https://www.defesanet.com.br/nuclear/noticia/24039/Leonam---O-MEDO-NUCLEAR/>. Acesso em: 11 mar. 2022.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. **Teoria crítica e literatura**: A distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. Anu. Lit., Florianópolis, v.18, n. 2, p. 201-215, 2013.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro**: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

JUNIOR, Antonio Gasparetto. **Revolução islâmica**. InfoEscola, c2022. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/revolucao-islamica/>. Acesso em: 11 mar. 2022.

KLEMESRUD, Judy. Alta sacerdotisa da angústia. **The New York Times**, [Estados Unidos], 28 mar. 1982. Disponível em: https://www-nytimes-com.translate.goog/1982/03/28/arts/high-priestess-of-angst.html?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc. Acesso em: 31 ago. 2021. Título original: High Priestess of Angst.

PORTO, Walter. Margaret Atwood, autora de 'O Conto da Aia', acredita no impeachment de Bolsonaro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 set. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/09/margaret-atwood-autora-de-o-conto-da-aia-acredita-no-impeachment-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 15 nov. 2021.

RÜSCHE, Ana. **Utopia, feminismo e resignação em the left hand of darkness e the handmaid's tale**. 2015. Tese (Doutorado em Letras) - Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários e Linguísticos em Inglês, São Paulo, 2015.

SILVA, Alexander Meireles da. **O fantástico como estratégia literária pós moderna em a história da aia, de Margaret Atwood.** LINGUAGEM – Estudos e Pesquisas, Catalão, vol. 14, n. 01, p. 15-35, Goiânia, 2010.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu.** Tradução Bia Nunes de Sousa. São Paulo: Tordesilhas, 2014.